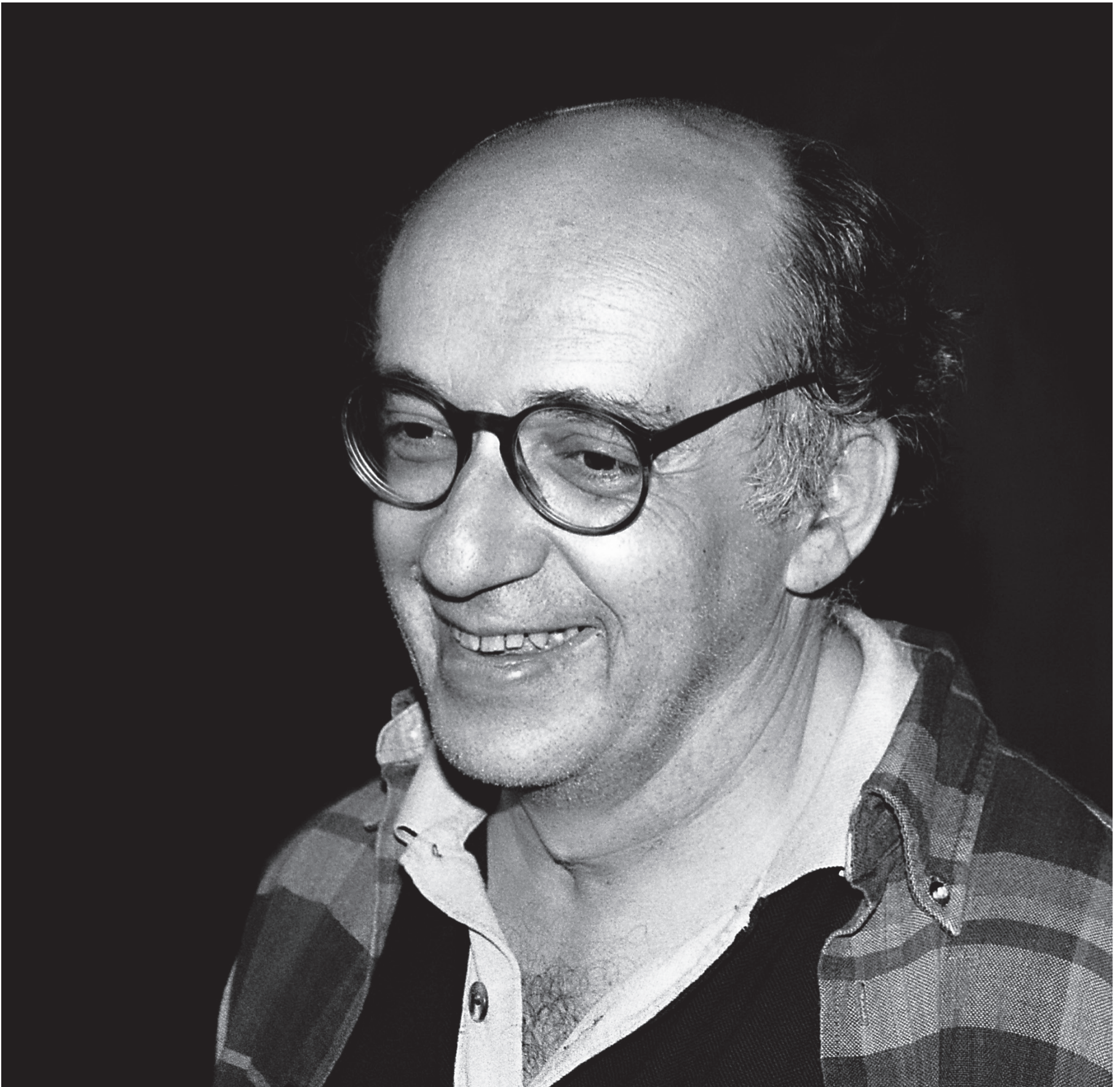


cinemateca

MAIO 2022



JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN, DIRECTOR'S CUT E LIGHT CONE | OS FILMES DE ERNIE GEHR | IN MEMORIAM WILLIAM HURT | DOUBLE BILL | CINEMATECA JÚNIOR

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Maio é o mês da Maya, a deusa grega da fertilidade, da terra e das flores. Tivemos cravos em abril e teremos cravos sempre, mas em maio o jardim da Júnior será variado. A primeira flor é exótica, vem do Irão, falamos da primeira longa-metragem de Jafar Panahi com argumento de Abbas Kiarostami, O BALÃO BRANCO. À semelhança de À PROCURA DA CASA DO MEU AMIGO de Kiarostami, um título obrigatório do cinema para todas as idades. A segunda flor é a um tempo sombria e muito bela, capaz de iniciar os mais novos no medo e na beleza fora do ambiente protegido do cinema de animação. Criação única do ator Charles Laughton, THE NIGHT OF THE HUNTER tem assombrado gerações da melhor maneira. Para equilibrar a composição, uma flor alegre do campo: o cinema burlesco de Buster Keaton, THE CAMERAMAN, última grande obra-prima e também o seu último filme mudo, acompanhado ao piano por Catherine Morisseau. Como nota final, e em parceria com o FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas, uma gerbêria, a anunciar diversão com as suas cores e formas exageradas: THE MUPPETS de James Bobin. Neste mês da fertilidade, o jardim cinematográfico será regado em abundância com uma oficina de som para os mais velhos: SILÊNCIO! ESTAMOS A GRAVAR! e uma oficina de artes gráficas para pais e filhos: ESTRELAS EM CARTAZ.



BADKONAKE SEFID

► Sábado [7] 15:00 | Salão Foz

BADKONAKE SEFID

“O Balão Branco”

de Jafar Panahi

com Aida Mohammadkhani, Mohsen Kafil, Fereshteh Sadre Orafav

Irão, 1995 – 85 min / legendado em português | M/6

No dia 21 de março comemora-se o Ano Novo no Irão e Razieh sonha comprar um peixinho dourado para as comemorações, seguindo uma tradição antiga do país. Com a ajuda do irmão, convence a mãe a dar-lhe dinheiro para comprar o peixe. Mas o que parece ser o fim duma história é só o início de uma outra. Primeira longa-metragem de Jafar Panahi com argumento de Abbas Kiarostami.

► Sábado [14] 15:00 | Salão Foz

THE NIGHT OF THE HUNTER

A Sombra do Caçador

de Charles Laughton

com Robert Mitchum, Lillian Gish, Billy Chapin, Shelley Winters

Estados Unidos, 1955 – 90 min / legendado em português | M/12

Esta única incursão de Charles Laughton na realização (que foi um completo fracasso comercial à época) resulta numa obra-prima incomparável, ponte de passagem obrigatória do cinema clássico ao moderno, com uma nova exploração da iluminação expressionista. Nesta onírica história infantil, o ogre é um assassino (a mais mítica criação de Mitchum), perseguindo duas crianças filhas de uma das suas vítimas, até se deparar com uma adversária à sua altura, a personagem de Lillian Gish. Um dos filmes mais singulares de sempre.

► Sábado [21] 15:00 | Salão Foz

THE CAMERAMAN

O Homem da Manivela

de Buster Keaton, Edward Sedgwick

com Buster Keaton, Marceline Day, Harold Goodwin

Estados Unidos, 1928 – 68 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/6

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

A última grande obra-prima de Buster Keaton e também o seu último filme mudo. Uma irresistível homenagem ao cinema e também (já) uma paródia às vanguardas cinematográficas na genial sequência do “filme no filme”, com Keaton transformado num operador de atualidades da MGM, cuja inabalável sisudez resulta em puro burlesco.

► Sábado [28] 15:00 | Salão Foz

THE MUPPETS

Os Marretas

de James Bobin

com Amy Adams, Jason Segel, Chris Cooper

Estados Unidos, 2011 – 103 min / dobrado em português | M/6

Walter é o maior fã do espectáculo dos Marretas. Numa viagem a Los Angeles com o irmão Gary e Mary, a namorada de Gary, descobre que Tex Richman planeia demolir o Teatro dos Marretas para explorar o petróleo descoberto no local. Com esta ameaça no ar, não há tempo a perder para reunir toda a trupe, começando pelo Cocas, o célebre mestre de cerimónias. Uma sessão organizada em parceria com o FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas que revisita o universo de comédia das famosas personagens criadas por Jim Henson.

OFICINAS

► Sábado [7] à 11h00 | Salão Foz

SILÊNCIO! ESTAMOS A GRAVAR!

Conceção e orientação: Marta Covita

Dos 13 aos 16 anos

Duração: 2 horas | Preço: 4,00€ por participante

Marcação prévia até 2 de maio para

cinemateca.junior@cinemateca.pt

Neste atelier vamos criar sons de cinema! Os “artistas de foley”, ou sonoplastas, recorrem a objetos do quotidiano para criar, de forma mecânica ou manual, os sons que não foram gravados durante as filmagens. Que objetos podemos manusear para obtermos o som de um cavalo a galope, uma tempestade no gelo, um bando de pássaros ou um coração a bater? Que som evoca uma noz ao ser quebrada e uma taça de cereais remexida? Com as coisas que temos à mão, vamos criar efeitos sonoros para uma curta de animação.

► Sábado [28] 11h00 | Salão Foz

ESTRELAS EM CARTAZ

Conceção e orientação: Maria Remedio

Dos 5 aos 8 anos com presença obrigatória de um adulto

Duração: 2 horas | Preço: 2,65€ por criança / 6,00€ por adulto

Marcação prévia até 23 de maio para

cinemateca.junior@cinemateca.pt

Que estrelas conhecemos dos cartazes de cinema? De que histórias saíram? Têm superpoderes? E nós, podemos ser estrelas num cartaz de uma sala de cinema? Nesta oficina vamos conhecer a Dorothy, o Leão, o Homem de Lata e o Espantalho, e transformá-los a eles e a nós em estrelas num novo cartaz! Caberemos lado a lado com a nossa personagem preferida.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR- SÁBADOS EM FAMÍLIA 2

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO 3

E CARTA BRANCA SEM RECEITA 7

A CINEMATECA COM O INDIÉLISBOA:

DORIS WISHMAN- O INFERNO PODE ESPERAR 9

DIRECTOR'S CUT E LIGHT CONE 11

OS FILMES DE ERNIE GEHR 13

IN MEMORIAM WILLIAM HURT 15

DOUBLE BILL 17

A CINEMATECA COM O FIMFA 18

A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS 18

NO 20º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR 18

O QUE QUERO VER 19

INADJECTIVÁVEL 19

CALENDÁRIO 20

► **CAPA** JORGE SILVA MELO na Cinemateca, 1995

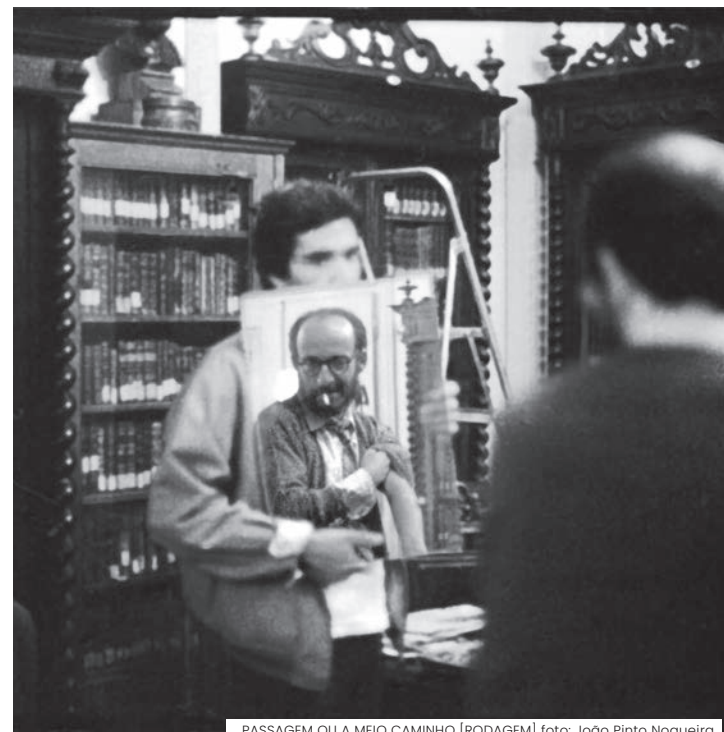
► AGRADECIMENTOS

Ernie Gehr, Peggy Awesh, Mike Spiegel, Francisco Noronha, Marta Ramos, José Oliveira, Luís Filipe Rocha; Nuno Gonçalo Rodrigues, António Simão, João Pedro Mamede (Artistas Unidos), António Sena, Filomena Serra, João Pedro Rodrigues, João Pinto Nogueira, José Guimarães, Lia Gama, Manuel Wiborg, Manuel Villaverde Cabral, Maria Filomena Molder, Miguel Aguiar, Miguel Lobo Antunes, Solveig Nordlund, Sofia Areal; Maria João Guerreiro (Universidade Aberta); Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Corinna Reicher, Rod Ruhle (British Film Institute); Germana Ruscio (Cinecittà Luce); Laurence Millereux (Forum des Images); Katie Traynor, Theo Harrison (MOMA); Lisa Petrucci (Something Weird Video), Bret Berg (American Genre Film Archive), Mário Fernandes (Encontros Cinematográficos); António José Martins, Hugo Correia (RTP), Pedro Borges (Midas Filmes); Tony Pipolo, Ken Eisenstein

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

É em maio – “maduro maio” dizia Jorge Silva Melo a acertar a data para 2022 – que a Cinemateca volta integralmente à retrospectiva e à carta branca interrompidas poucos dias após o início, em março de 2020. Foi quando as palavras *pandemia*, *confinamento* romperam o vocabulário comum deste século, suspendendo, entre tantas coisas, a mais completa apresentação do cinema de Jorge Silva Melo. Pensadas com Jorge Silva Melo, as duas vertentes do programa vão, agora, realizar-se sem ele, contando com alguns dos seus cúmplices; apresentadas há dois anos como “Viver Amanhã como Hoje” e “Carta Branca 2020” têm, agora, por títulos “O Cinema de Jorge Silva Melo” (sublinhando a dimensão que persiste como a menos divulgada do seu raio de ação) e “Carta Branca sem Receita” (a partir do texto que então escreveu e foi distribuído). Aos programados em 2020 acrescem dois títulos, um deles A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO, série de nove pequenos filmes entretanto realizados. Dos títulos da carta branca não é lamentavelmente possível mostrar, dada a impossibilidade de aceder a uma cópia neste momento, DOLGYE PROVODY / “O LONGO ADEUS” de Kira Muratova (1971). E apresenta-se, não em contrapartida mas pelo sentido que faz, um outro filme não prescrito, um filme “a mais” além dos vinte por ele escolhidos na carta branca: DESIGN FOR LIVING, o Lubitsch de 1932 que adapta o texto de Noël Coward de que Jorge Silva Melo cuidou na sua última encenação com os Artistas Unidos, que continuam. *Vida de Artistas*.

Contando com a colaboração preciosa dos mesmos Artistas Unidos, esta retrospectiva é pois uma integral da sua obra no cinema. Na Cinemateca, Jorge Silva Melo foi um protagonista presente, ante-estreou e acompanhou projeções e programas dos seus filmes (desde 1983, ano da ante-estreia da longa-metragem inicial PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO), respondeu a cartas brancas, marcou sessões especiais. Em 2013, o Lisbon & Estoril Film Festival organizou uma primeira retrospectiva, ocasião em que foi publicado *O Cinema de Jorge Silva Melo e os Sortilégios do Tempo*, por Francisco Ferreira. Associada à presente retrospectiva, será lançado, pela Midas Filmes, a edição DVD de A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, completando a coleção de títulos dos “filmes de artistas” de Jorge Silva Melo. PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO é apresentado numa muito recente cópia digital, tirada no laboratório da Cinemateca para permitir que o filme, de que continuam a procurar-se os negativos e de que não existem boas cópias no formato original em película, possa ser visto e visto em melhores condições. Está em preparação um catálogo, a publicar em breve. O texto que se segue retoma, com pequenas alterações, aquele que foi distribuído em março de 2020.



PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO [RODAGEM] foto: João Pinto Nogueira

O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A escrita, o cinema, o teatro, são artes da vida de Jorge Silva Melo (1948–2022), homem que ocupou um lugar só dele na cultura em Portugal. Leitor, espectador, crítico, professor, autor, cronista, tradutor, ator, argumentista, realizador, dramaturgo, encenador, diretor artístico. A frase que acaba ali podia continuar substantiva. E chamar outra que referisse Lisboa, Londres, Paris, Berlim, Milão, Roma, pelo menos estas cidades, onde nasceu, estudou cinema, estagiou em teatro com Peter Stein e Giorgio Strehler, foi ator de Jean Jourdeuil, criou, trabalhou, conviveu, passeou. Em Lisboa, integrou o Grupo de Teatro de Letras entre 1967 e 1970, fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia entre 1973 e 1979; fundou a companhia Artistas Unidos em 1995 que também ela teve várias vidas com ele, diretor artístico e encenador frequente. “Ainda não acabámos”, escreveram na despedida.

Escreveu o libreto para uma ópera – *Le château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne), de Philippe Hersant (1992). E peças – *Seis Rapazes, Três Raparigas* (1993) e *António, Um Rapaz de Lisboa* (1995), as mais recuadas; *O Grande Dia da Batalha* (a partir de *Albergue Nocturno*, Máximo Gorki, 2018), a mais recente. Entre o muito que traduziu, contam-se obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Harold Pinter, Heiner Müller. Por exemplo, *A Máquina Hamlet*, levado à cena do Teatro da Politécnica em 2020, a partir de uma tradução de Jorge com Maria Adélia Silva Melo, a irmã mais velha que o apresentou em criança a círculos de pensamento e ação cultural. São dados de referência obrigatória, os destes parágrafos, mesmo num texto não biográfico que sobretudo trata de cinema. Além de peças, publicou

livros de crónicas. Dois deles discorrem memórias, regressam a escritos, ziguezagueiam com o tempo – *Século Passado* (2007) e *A Mesa Está Posta* (2019), em que fala na primeira pessoa das décadas vividas a pensar e a fazer, numa insistência feliz e teimosa, diz ele. Citava com gosto versos de *O Conto de Inverno*, de Shakespeare, “But such a day to-morrow as to-day, / And to be boy eternal.”

Espectador de cinema desde novinho, sobre cinema começou a escrever no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa* pelos 15 anos, antes do princípio na crítica na revista *O Tempo e o Modo*. Sucedâneo da cinefilia e da crítica, o percurso de Jorge Silva Melo no cinema inicia-se na passagem das décadas de 1970 e 1980, a assistir João César Monteiro nos iniciais SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN e QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO (1969/70), mas também Paulo Rocha (POUSADA DAS CHAGAS, 1971), António-Pedro Vasconcelos (PERDIDO POR CEM, 1972) e Alberto Seixas Santos (BRANDOS COSTUMES, 1974); a colaborar com Solveig Nordlund (MÚSICA PARA SI, 1978). Mais tarde, havia de ser argumentista de Rocha e da mais nova geração de Manuel Mozos, João Guerra, Pedro Caldas; ator, nos anos de 1980 e 90, de João Botelho, João César Monteiro, Alberto Seixas Santos, Paulo Rocha, Manoel de Oliveira, Christine Laurent, Vítor Gonçalves, José Nascimento, José Álvaro Morais ou Joaquim Pinto.

Na ficção, a solo, realizou cinco longas e uma curta-metragem entre 1980 e 2007: PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO, dedicado aos realizadores João César Monteiro, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcelos, Alberto Seixas Santos e ao professor João Bénard da Costa, um ano depois do “episódico-teatral” E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? (correalizado com Solveig Nordlund, 1979); NINGUÉM DUAS VEZES; AGOSTO;

COITADO DO JORGE; ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA; A FELICIDADE, a curta-metragem com Fernando Lopes no papel protagonista. Manteve um trabalho ímpar na série de retratos dedicados a artistas plásticos, principiado com A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER (1995). Por ordem de entrada filmográfica, os artistas de Jorge Silva Melo são Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos. No núcleo documental da sua obra, cabe ainda o filme sobre a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura, um retrato de Glúcia Quartim, atriz e amiga com quem muito conversou, dois títulos que registam peças dos Artistas Unidos, o autorretrato AINDA NÃO ACABAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA.

Esse filme composto como uma carta a um jovem ator, que esteve para se chamar “os que vieram antes”, verte uma característica definidora do modo de estar e trabalhar de Jorge Silva Melo, um interlocutor cúmplice de gerações mais velhas e mais novas, um *passador* vigoroso no sentido que Serge Daney deu ao termo. A memória e a transmissão são pontos justamente vitais das longas de ficção de Silva Melo, menos vistas e menos bem vistas do que seria de crer. No tempo de que foram contemporâneas, atravessaram dificuldades de ordem vária, também de receção, que em alguns casos as arredaram das salas ou da visibilidade. São filmes em que Jorge Silva Melo entende ter-se detido no “momento da escolha”, em que a vida se define, deixando de poder ser outra coisa. São filmes a que importa o tempo que passa e os momentos de passagem. São filmes secretos de palavras, paisagens, personagens, atores à flor da vida. São filmes a *rever*.

- Terça-feira [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro
 ► Terça-feira [31] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

AGOSTO

de Jorge Silva Melo

com Christian Patey, Marie Carré, Olivier Cruveiller, Manuela de Freitas, Pedro Hestnes, Glicínia Quartin, Isabel Ruth, Luís Santos, Rita Blanco, José Mário Branco

Portugal, 1988 – 98 min | M/12

SESSÃO DE ABERTURA (DIA 10)

Jorge Silva Melo adaptou muito livremente o romance de Cesare Pavese *A Praia*, ao enveredar, em **AGOSTO**, pelo cinema romanesco. A paisagem física é a serra da Arrábida e as suas praias, de uma luz deslumbrante e dourada no verão. As pessoas singulares que aí habitam vivem um vazio “antonioniano” que Jorge Silva Melo transpôs para o cinema português. Quando o apresentou em ante-estreia na Cinemateca em 1988, escreveu um texto que começa assim: “Há um minuto da vida do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade.” Esta frase de Cézanne citada por Merleau-Ponty nesse livro a que há tantos anos recorro, *Sens et Non-Sens*. É isso o que quero do cinema? Minuto-vida-mundo-pintar-realidade?”

- Quarta-feira [11] 19:30 | Sala Luís de Pina

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? – CENAS DE KARL VALENTIN 1, 2, 3, 4, 5: VALENTIN NAS LOJAS | VALENTIN CANTA | VALENTIN NA ORQUESTRA | VALENTIN NO TRABALHO | VALENTIN FAZ BALANÇO

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luis Miguel Cintra, Raquel Maria, José Manuel Martins, Carlos Barreto, Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 – 156 min (duração dos cinco episódios) | M/12

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? regista a encenação de uma escolha de fragmentos de peças do alemão Karl Valentin por Jorge Silva Melo. Êxito extraordinário, este espetáculo tornou-se lendário. O filme é uma produção do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, e é um dos títulos que resultaram da colaboração entre aquela cooperativa e a RTP documentando trabalhos importantes da Cornucópia (casos ainda de **MÚSICA PARA SI E VIAGEM PARA A FELICIDADE**, de Solveig Nordlund). A versão da encenação para registo televisivo deu origem aos cinco episódios então transmitidos na RTP, com a personagem de Valentin apresentada por dois atores no decorrer das cenas – Jorge Silva Melo e Luis Miguel Cintra: “Valentin nas Lojas”, “Valentin Canta”, “Valentin na Orquestra”, “Valentin no Trabalho”, “Valentin Faz Balanço”.

- Quinta-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

de Jorge Silva Melo

com Luís Lucas, Diogo Dória, João Pinto Nogueira, Teresa Crawford, João Guedes, Glicínia Quartin, Isabel de Castro, Gina Santos

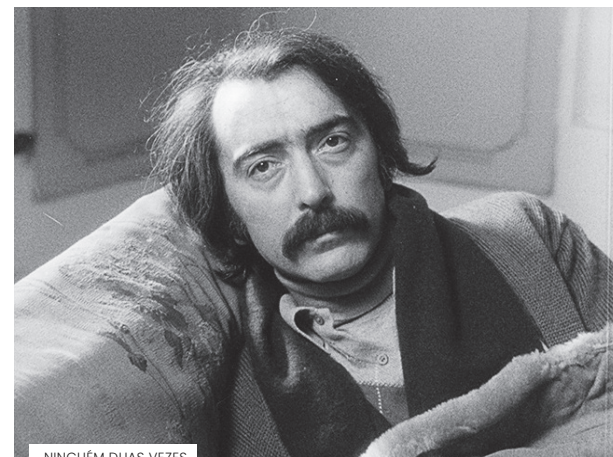
Portugal, 1980 – 85 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Escrito e filmado a partir da vida e obra do escritor alemão Georg Büchner (1813-1837), à luz elétrica e à máquina de escrever, sem reconstituição histórica, é um filme de ressaca revolucionária. Fala-se da Guerra de Espanha e de Cézanne, através da sobreposição de épocas e de citações. Mas o “fundo” – nunca nomeado – é o 25 de Abril. “À entrada dos anos 80, e no seu primeiro filme, Jorge Silva Melo deu-nos a ver a escuridão da selva. Talvez por ser tão escura – neste filme tão claro – tantos se perderam nela, não percebendo como a vida parava e como era preciso (necessário) pintá-la naquele momento” (João Bénard da Costa). **PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO** tem sido um filme de projeções raras, dadas as más condições técnicas dos materiais existentes e não estando localizados os respetivos negativos, que a Cinemateca continua a procurar. O filme é agora apresentado em DCP, resultando de um trabalho de digitalização de 2021 a partir de um internegativo de imagem 35 mm por sua vez tirado pela Cinemateca em 2004 de uma não exemplar cópia 16 mm.



AGOSTO



NINGUÉM DUAS VEZES

- Sexta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER

de Jorge Silva Melo

Portugal, 1995 – 60 min

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES

de Jorge Silva Melo

Portugal, 1999 – 58 min

duração total da projeção: 118 min | M/12

António Palolo (1946-2000) é o primeiro protagonista de uma galeria de retratos de artistas por Jorge Silva Melo, na série que resgata a memória de alguns contemporâneos e compõe o retrato de conjunto de uma geração e das suas afinidades. Os trabalhos e o percurso de Palolo são a matéria do pessoalíssimo primeiro filme do que viria a ser uma trilogia sobre a chamada Escola de Évora, com outros dois títulos dedicados a Joaquim Bravo e Álvaro Lapa. É na primeira pessoa que o filme começa, com o realizador a assumir-se narrador do filme, realizado por altura da preparação de uma exposição no CAM, em 1995, comissariada por Maria Helena Freitas. É ela quem nota o “pensamento a correr” de Palolo, “um artista com a inteligência do coração” de quem também diz: “É um impuro, não respeita uma única corrente artística.” **JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES** é o título completo do belo documentário sobre Joaquim Bravo (1935-1990). Jorge Silva Melo escreveu: “Do facto de ter realizado em 1995 um documentário intitulado **A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER**, nasceu a pouco e pouco o desejo de um outro documentário de carácter mais historiográfico sobre os artistas que, desde os finais dos anos 1950, começaram a impor caminhos de grande originalidade (e heterodoxia) a partir de Évora. Falo de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e Palolo.” Feito com material captado ainda em vida de Joaquim Bravo, o documentário mostra-nos também António Palolo e Álvaro Lapa, os dois pintores que JSM aproxima de Joaquim Bravo e como ele viveram em Évora. *A sessão assinala o lançamento da edição em DVD do filme dedicado a Palolo, completando a coleção dos filmes sobre artistas de Jorge Silva Melo editada pela Midas Filmes.*

- Sexta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 – 101 min | M/12

“Numa viagem entre Viseu e Lisboa, Jorge Silva Melo reconstitui para o ator Pedro Gil a sua relação com Álvaro Lapa, as entrevistas que realizou com o artista, os anos passados a ver crescer uma das obras mais singulares da arte portuguesa. E a questão: o que é a literatura? Uma demorada viagem iniciática em que se revê toda a obra pictórica e literária e que termina com a declaração de Álvaro Lapa: ‘Disponível, disponível é a juventude. Mesmo que seja incapaz, incompetente, estouvada, destrutiva. Mas é disponível.’” O filme sobre Álvaro Lapa (1931-2006), que a nota do realizador assim apresenta, é o último capítulo dedicado à “Escola de Évora”, depois dos filmes-retrato de Palolo e Joaquim Bravo. Jorge Silva Melo montou uma versão mais longa, destinada a fins expositivos ou académicos: **AS CONVERSAS DE LEÇA EM CASA DE ÁLVARO LAPA** (2006).

- Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NINGUÉM DUAS VEZES

de Jorge Silva Melo

com Michael König, Luis Miguel Cintra, Manuela de Freitas, José Mário Branco, Zita Duarte, Glicínia Quartin, Gina Santos, Diogo Dória, Rita Blanco, Luís Lucas, Charlotte Schwab, Grischa Huber

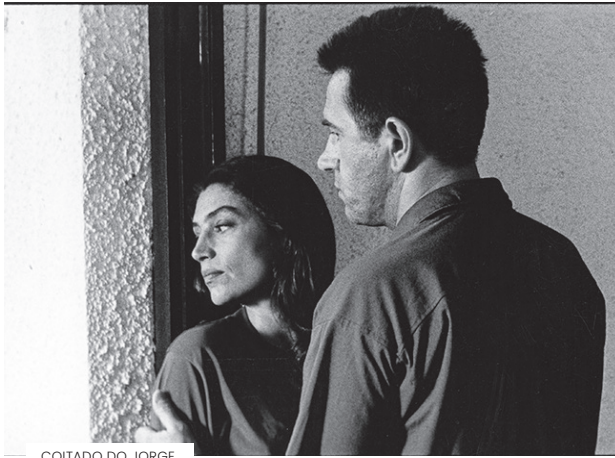
Portugal, Alemanha, França, 1984 – 106 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MIGUEL LOBO ANTUNES

Lisboa, 1983, é a segunda das vezes para as personagens deste filme. Da primeira, na mesma cidade, em 1975, sabe-se em elipse. Em oito anos, o país está muito diferente e os dois casais protagonistas de **NINGUÉM DUAS VEZES** também. Uma mala sem dona no tapete rolante de um aeroporto, Lisboa como não-lugar, depois de ter sido lugar de tudo. “O que não mudou em Jorge Silva Melo – [depois de **PASSAGEM**] e continuou a não mudar em **AGOSTO** ou em **COITADO DO JORGE** – é a mesma saudade do romantismo, o mesmo olhar novo



PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO



COITADO DO JORGE

com que o assume. Não é por o saber passado que lhe volta as costas. É por o saber passado que o convoca." (João Bénard da Costa)

► Segunda-feira [16] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

O FILME DA MINHA VIDA: JORGE SILVA MELO (DA SÉRIE DA RTP)

Portugal, 1998 – 12 min

COITADO DO JORGE

de Jorge Silva Melo

com Jerzy Radziwilowicz, Ângela Molina, Manuel Wiborg, Joana Bárcia, Ana Padrão, Glicínia Quartin, Manuela de Freitas, José Mário Branco, Miguel Guilherme, Luis Miguel Cintra

Portugal, 1992 – 101 min

duração total da projeção: 113 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR JOÃO PEDRO RODRIGUES

Baseado num romance de Paula Fox (*Poor George*) como "um contraponto mais desolado do AGOSTO" (JSM), é possível resumir o filme com o verso de Ruy Belo que lhe serve de epígrafe: "Triste é no Outono descobrir que é o Verão a única estação." Num verão quente e repleto de incêndios, Jorge, aos 36 anos, está também a arder por dentro. Um importante título do cinema português dos anos 1990, que nunca foi estreado comercialmente. Na sinopse: "Poder-se-á dizer que Jorge é um homem feliz. O Jorge vai para casa. É um dia como todos os outros e há fogo em toda a zona. Nessa noite ele vai encontrar-se com um industrial japonês, que lhe permitirá abandonar o seu cargo de professor e retomar o seu trabalho químico. No entanto, quando chega a casa encontra lá uma pessoa. Uma pessoa que ele não conhece. Um assaltante. A partir desse momento, tudo será diferente." A projeção é antecedida do comentário de Jorge Silva Melo ao seu filme, em conversa com Inês de Medeiros no contexto da série da RTP "O Filme da Minha Vida" (episódio com realização de José Vitório, emitido a 16 de maio de 1998).

► Terça-feira [17] 19:30 | Sala Luís de Pina

GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2008 – 88 min | M/12

No núcleo das obras dedicadas a artistas, é o retrato de grupo de Jorge Silva Melo, respondendo a uma encomenda da Caixa Geral de Depósitos: fundada em 20 de julho de 1956 por um grupo de artistas e intelectuais, a Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura tem uma história que parte de "um momento único de camaradagem, aprendizagem, intercâmbio, um momento político na História das Formas". É a história que o filme trata através de quase 30 depoimentos de conhecidos artistas plásticos portugueses: "a sua história, e as suas consequências, a sua origem nos movimentos de oposição à ditadura, numa improvisada garagem de Algés. E sobretudo, a necessidade que os artistas sentiram de aprender em conjunto, de se organizar, aprender e ensinar ao mesmo tempo." Primeira exibição na Cinemateca.



ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

► Quarta-feira [18] 19:30 | Sala Luís de Pina

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS DEVASTADAS

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min | M/12

Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008) foi um dos muitos artistas exilados do século XX português. Radicado em Londres, ensinou na Slade School of Fine Art. Retrato de um pintor e gravador, cuja obra de extrema vitalidade mantém uma ligação profunda com Portugal. Jorge Silva Melo titula o filme a partir do célebre poema de T.S. Eliot, *A Terra Devastada* (1922) citando-o sobre imagens de atualidades da Europa trucidada pela Segunda Guerra Mundial. "Um mundo crepuscular, o do fim dos muitos impérios, será o mundo de Bartolomeu. Que, em 65, criou uma das primeiras metáforas contra o Poder Colonial Português, a gravura *Portuguese Men of War*. E que no fim da vida, com fúria visível e renovada vitalidade, se insurge contra a Nova Ordem Mundial."

► Quarta-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2007 – 60 min

NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO)

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2012 – 23 min

duração total da projeção: 83 min | M/12

O terceiro dos "retratos de artista" com que Jorge Silva Melo resgata a memória de alguns contemporâneos é dedicado a Nikias Skapinakis (1931-2020), um dos maiores pintores portugueses da segunda metade do século XX. A exposição "Quartos Imaginários" no Museu Vieira da Silva, em 2006, é um ponto de partida do filme, que conta com as participações do crítico de arte António Rodrigues e do realizador. É Silva Melo quem diz sobre Skapinakis: "Há no seu riso uma acidez luminosa. Ele não ri contra, não troça. Ri, proclamando uma distância entre si e ele próprio, uma elegância, talvez seja isso a melancolia." Em 2012, por ocasião da exposição antológica "Presente e Passado. 2012-1950", apresentada no Museu Coleção Berardo, JSM realizou um segundo filme de curta-metragem intitulado NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO) em que prolonga aquilo que fez com o pintor em 2007. Em 2019, vários trabalhos depois, Nikias Skapinakis expôs em Lisboa, na Galeria do Teatro da Politécnica, e no Porto, na Galeria Fernando Santos, "Descontinuando: Pintura e Desenho 2018-2019". Considerando que a curta-metragem de 2012 (primeira exibição na Cinemateca) circunscrevia o momento em que foi realizada, Skapinakis defendia que O TEATRO DOS OUTROS (que na Cinemateca apresentou ao lado de Silva Melo numa memorável sessão de 2009) era um filme muito importante para o conhecimento do seu trabalho.

► Quinta-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA

de Jorge Silva Melo

com Manuel Wiborg, Lia Gama, Sylvie Rocha, Paulo Claro, Isabel Muñoz Cardoso, Marco Delgado, Glicínia Quartin

Portugal, 2000 – 114 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR LIA GAMA E MANUEL WIBORG

Adaptação cinematográfica da peça de Jorge Silva Melo por ele encenada cinco anos antes, no ACARTE, ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA é simultaneamente um filme da geração dos atores que o interpretaram e um retrato da Lisboa dos anos 1990, uma cidade em mudança. O ritmo é vibrante, as cores fortes, os planos enérgicos. Para JSM foi um filme vindo da vontade de filmar atores que conhecia do teatro. A sinopse oficial reza: "Um rapaz em Lisboa, nesta Lisboa em obras. As paragens de autocarro, as entrevistas para emprego, os cafés sujos, o metro de uma noite, os centros comerciais de bairro, as lojas de fotocópias, os arrumadores de automóveis, os hospitais, um encontro à chuva, as creches onde se colocam os filhos, a dura ressaca, o Corte Inglês, as cervejarias onde se mata o tempo."

► Sexta-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 55 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM SOFIA AREAL, FILOMENA SERRA E MANUEL VILLAVERDE CABRAL

Sofia Areal (nascida em Lisboa, em 1960) é a artista da geração mais nova entre os retratados por Jorge Silva Melo que, vendo-a como um caso singular nas artes portuguesas, a foi filmando a partir de 2011. "Não se trata de um documentário retrospectivo, mas sim um filme que está ao seu lado, a seguir o seu fazer, as suas dúvidas, certezas, conquistas. Aquilo que me interessou foi ver a Sofia Areal pensar pintando, pintar pensando. Pois nela, 'o que em mim pensa está pintando', é o seu ofício, o dessa mão que todos os dias faz a alegria" (JSM). Primeira exibição na Cinemateca. À projeção segue-se uma conversa entre Sofia Areal, Filomena Serra e Manuel Villaverde Cabral em que se abordará este e outros dos "filmes de artistas" de JSM, como os dedicados a António Palolo, Joaquim Bravo e Álvaro Lapa, no contexto do grupo de artistas que trilham os seus originais caminhos a partir de Évora e da presença de António Areal.

► Sábado [21] 18:30 | Sala Luís de Pina

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2011 – 56 min

duração total da projeção: 116 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MARIA FILOMENA MOLDER ANTES DE CADA UM DOS FILMES

A MÃO ESQUIVA é de António Sena (nascido em 1941), que Jorge Silva Melo conheceu em 2003, por altura da exposição retrospectiva do pintor em Serralves, apresentada por João Fernandes como uma obra de pintura "que representa um estudo da cor, materiais e composição no contexto de uma relação entre o quadro e a escrita". O retrato foi filmado entre 2003 e 2009, sem preocupações exaustivas e históricas. Conta com comentários de Maria Filomena Molder e João Pinharanda sobre as obras de Sena em diálogo com o realizador. Afirma-se na sinopse que interessou a JSM filmar, do "pintor discreto e esquivo", "a incessante mão, a mão que escrevinha, rasura, escreve, acrescenta, pinta e apaga ou pinta e inscreve. Ou a mão que comenta, sublinha, se lembra." No momento do retrato de Ana Vieira (1940-2016) por Jorge Silva Melo interessava à artista "o que não é dito, o que não é visto". Silva Melo filmou e sobre o que filmou escreveu: "Mas o que não se vê (ou se vê de esguelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente. No cinema, designa-se isso por *off*



e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso *bastidores*, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Têramène na *Fedra* ou o Soldado no *Rei Édipo*, ecos, testemunhas, nos vêm contar. Ou porque Ana Vieira, guardadora das sombras, lhes fixou a traça? Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à indiscreta janela (é belo o inglês, *Rear Window*) onde passam as sombras, na caverna." ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO é uma primeira exibição na Cinemateca.

▶ Segunda-feira [23] 19:30 | Sala Luís de Pina

A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO – CARLO GOLDONI | ANTON TCHÉKHOV | HENRIK IBSEN | LUIGI PIRANDELLO | BERTOLT BRECHT | HAROLD PINTER | TENNESSEE WILLIAMS | ARTHUR MILLER | O TEATRO DEPOIS DE BECKETT

de Artistas Unidos, Universidade Aberta

Portugal, 2021 – 125 min
(16 min, 11 min, 15 min, 14 min, 12 min, 15 min, 12 min, 18 min) | M/6

SESSÃO APRESENTADA POR ANTÓNIO SIMÃO

"O teatro pode tratar de tudo." A frase de Carlo Goldoni é o lema do projeto em nove episódios de duração curta imaginado e protagonizado por Jorge Silva Melo a partir do seu arquivo fotográfico e de uma sua seleção de textos interpretados por um importante grupo de atores. O projeto foi levado a cabo com a participação dos Artistas Unidos e da Universidade Aberta. Os nove episódios giram em torno de grandes figuras do teatro contemporâneo e são conduzidos por Jorge Silva Melo (narrador) que "apresenta em traços gerais e com exemplos concretos da arte de representar, as obras de alguns dos principais dramaturgos do século XVIII à atualidade". No fim do último título da série, O TEATRO DEPOIS DE BECKETT, JSM afirma: "O teatro contemporâneo está vivo, está rico e é curioso: vem da Sicília, vem de Barcelona, vem de Nova Iorque, um bocadinho, vem de Leste. Teatro escrito para ser feito perante pessoas. O teatro vai sobreviver a Samuel Beckett." Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Terça-feira [24] 19:30 | Sala Luís de Pina

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2009 – 60 min

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2010 – 23 min (duração dos quatro "extras")

duração total da projeção: 83 min | M/12

Ângelo de Sousa (1938–2011), pintor, escultor, desenhador, professor que viveu e trabalhou no Porto desde os anos 1950 conversa com Jorge Silva Melo neste retrato de 2010, filmado em Coimbra, numa exposição de escultura, em casa, no atelier, em Lisboa. "O filme parte de encontros vários com o Artista, como se fossem curtas-metragens justapostas, em que ele comenta os seus trabalhos, os métodos, a repetição das formas, as alternâncias de suportes (papel, fotografia, vídeo, metal). Inquieto, Ângelo guia-me pela sua sempre declarada alegria, impermanente conquista diária das formas simples" (JSM). FOTOGRAFIA, INFÂNCIA, CENÁRIO, ESFEROGRÁFICA são títulos dos quatro pequenos "extra" incluídos na edição dvd a apresentar em projeção como quatro curtas-metragens suplementares a seguir ao filme. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [25] 19:30 | Sala Luís de Pina

A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

Portugal, 2012 – 57 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOSÉ GUIMARÃES

Correalizado por Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, com produção dos Artistas Unidos e o apoio de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, o filme parte da coleção de arte tribal africana de José de Guimarães (nascido em 1939), cujo percurso artístico sofreu uma transformação assinalável com a estadia em Angola

entre 1967 e 1974, em serviço militar. A arte primitiva africana passa a fazer parte do seu trabalho, no sentido do diálogo que o artista afirma manter com as peças que coleciona. "O Minho deu-me as cores, África o sentido do mito." Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quinta-feira [26] 19:30 | Sala Luís de Pina

A FELICIDADE

de Jorge Silva Melo

com Fernando Lopes, Pedro Gil, Miguel Borges

Portugal, 2007 – 8 min

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2004 – 55 min

duração total da projeção: 63 min | M/12

A curta-metragem A FELICIDADE é o último título de ficção de JSM, que filma outro realizador no papel protagonista, Fernando Lopes. Silva Melo: "Um pai e um filho. O pai terá 70 anos, o filho pouco mais de 20. O filho leva o pai ao hospital. Na rádio, ouve-se música clássica: o *Exultate, Jubilate* de Mozart, cantado por Teresa Stich-Randall. Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem." CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN foi preparado para os 80 anos de Glicínia Quartin (1924–2006), e a sua ante-estreia teve lugar no dia do aniversário da atriz. Escreveu Jorge Silva Melo: "Gosto tanto de a ouvir falar, à Glicínia. Mas não queria que ela falasse só comigo. Por isso fiz este filme, para partilhar as minhas conversas com Glicínia Quartin." Testemunhando a presença de Glicínia e a sua amizade com Silva Melo, é o filme de Glicínia a conversar com todos nós.

▶ Sábado [28] 18:30 | Sala Luís de Pina

JOGADORES DE PAU MIRÓ

de Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

com Américo Silva, Pedro Carraca, António Simão, João Meireles

Portugal, 2017 – 68 min

O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ

de Jorge Silva Melo

com Rita Brütt, João Meireles

Portugal, 2019 – 67 min

duração total da projeção: 135 min | M/12

A sessão reúne dois registos filmados de duas encenações de Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015. A peça do catalão Pau Miró, *Jogadores*, fixa quatro homens, um professor, um barbeiro, um ator e um coveiro, olhados à imagem dos *gangsters* falhados



de um filme de Monicelli, numa peça por onde passa a ideia da gentrificação. O filme é uma produção Artistas Unidos/RTP, o registo filmado da peça, traduzida por Joana Frazão com cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. *O Tempo*, de Lluïsa Cunillé, foi encenado por Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos em 2015 a partir de uma tradução do texto de Ângelo Ferreira de Sousa, cenografia e figurinos de Rita Lopes Alves. Um drama para duas personagens, um homem e uma mulher. Registo da peça, o filme é uma produção Artistas Unidos/RTP. Primeiras exposições na Cinemateca.

▶ Segunda-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO?

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2017 – 76 min | M/12

Concluído em 2018, dez anos depois de ter sido começado, o retrato de Fernando Lemos (1926–2019) por Jorge Silva Melo constrói-se a partir de uma longa entrevista feita em 2008, por altura de uma passagem de Lemos por Lisboa, e de uma outra, de 2017, em São Paulo. É o último filme-retrato de JSM. O de um artista que quando deixou Lisboa em 1953 para se instalar em São Paulo, no Brasil, "deixou-nos a mais impressionante galeria de retratos eu diria que desde Columbano: os seus amigos, atores, escritores, pintores que fotografou incessantemente naqueles três últimos anos que viveu em Portugal. E é pintor, gráfico, poeta" (JSM). Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Terça-feira [31] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA

de Jorge Silva Melo

Portugal, 2016 – 78 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR JOÃO PEDRO MAMEDE

É como se fosse Jorge Silva Melo por Jorge Silva Melo. O filme esteve para se intitular assim numa piscadela de olhos a JLG. JSM descreve-o como uma carta aos que contra todas as adversidades se tornam atores. Compô-lo com imagens lisboetas, parisienses, romanas, filmando e repescando imagens já filmadas, encenando a sua própria narrativa. Convocou um sério elenco de cúmplices, amigos e atores – "os que vieram antes", os de gerações mais novas que a sua. "É um auto-retrato (auto-filme? auto-golo) comigo de costas: para que quem veja, veja o que eu vejo. Aquilo que vejo (vi, verei) será aquilo que sou? Mas é uma carta, é a ti que quero contar, a ti, rapaz que quiseste ser ator." Foi o filme de abertura da primeira vez desta retrospectiva, em 2020.



ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ

CARTA BRANCA SEM RECEITA

A acompanhar a retrospectiva da sua obra, as 20 escolhas de Jorge Silva Melo em 2020, com a falha, por inacessibilidade de cópia de “O LONGO ADEUS” de Kira Muratova. E um 21º filme, um Lubitsch escolhido pela Cinemateca em *raccord* com a sua última encenação, *Vida de Artistas*, levada à cena pelos Artistas Unidos no palco do Teatro São Luiz, onde estreou a 23 de março último: DESIGN FOR LIVING. O texto de Jorge Silva Melo “Carta Branca Sem Receita”, divulgado em março de 2020, será publicado no catálogo.

FORA DA CARTA

► Segunda-feira [09] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DESIGN FOR LIVING

Uma Mulher para Dois

de Ernst Lubitsch

com Fredric March, Gary Cooper, Miriam Hopkins, Edward Everett Horton

Estados Unidos, 1933 – 90 min / legendado em português | M/12

Invulgarmente “decantado” na pureza do seu estilo, DESIGN FOR LIVING é um desafio ao Código Hays, no mesmo ano em que a censura se tornou oficial em Hollywood e um Lubitsch em estado de graça. Ambientando a ação em Paris, Lubitsch encena um jogo de sedução entre dois homens e uma mulher enredado num *ménage à trois*, trabalhando a figura do trio em sucessivos pares e numa dança imparável, de movimentos e de palavras. Uma obra-prima de subentendidos. Na base do argumento está o texto de 1932 de Noël Coward (estreado na Broadway no ano seguinte), agora traduzido em português, por José Maria Vieira Mendes, como *Vida de Artistas*, título da última encenação de JSM. Sobre o dramaturgo, escreveu JSM: “Ah, como eu gosto de Noël Coward. Como quem ‘não quer a coisa’, com um brilho único, anda connosco há quase um século, despistando, contrariando ideias feitas, na curva da História. Frívolo? Ou realmente profundo? Fantasista ou realmente realista? Olha: teatral, aposto.”

► Segunda-feira [09] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ADIEU PHILIPPINE

de Jacques Rozier

com Jean-Claude Aimini, Yveline Cery, Stefania Sabatini

França, 1962 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O mais amado dos filmes desconhecidos (a sua carreira foi atribulada, em Portugal nunca estreou) do mais raro dos cineastas da Nouvelle Vague, Jacques Rozier, cujo percurso fulgurante nunca mais terá tido sossego, filmando desde então os mais livres dos filmes. Nunca ninguém filmou tão perto a errância da gente nova, a hesitação, os dias inseguros, os adeuses, os acasos, o peso da guerra – aqui, a da Argélia. Tudo é fresco e novo neste documento único em que a Graça visita os corpos 24 vezes por segundo. Sobre ele escreveu Jorge Silva Melo que remata assim: “é que ADIEU PHILIPPINE é um filme de coração nas mãos, tão lindo.” A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE RAYON VERT

O Raio Verde

de Eric Rohmer

com Marie Rivière, Vincent Gauthier, Rosette

França, 1986 – 98 min / legendado em português | M/12

Sexto e último filme da série “Comédias e Provérbios”, sob a epígrafe de um verso de Rimbaud: “Ah, que venha o tempo/ em que os corações se apaixonam!” Uma jovem secretária não sabe o que fazer durante as férias de verão e depois de muitas hesitações vai para Biarritz, onde terá uma súbita revelação. Filmado em 16 mm, como outras “Comédias e Provérbios”, porque “em 35 mm, pode-se cair facilmente no bilhete-postal” (Rohmer), o filme tem uma deliberada estratégia de cinema “amador”. Mal compreendido quando estreou, é um filme radical, denso, luminoso.

► Terça-feira [10] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SOLO

de Jean-Pierre Mocky

com Jean-Pierre Mocky, Anne Deleuze, Denis Le Guillou, R.J. Chaffard, Marcel Pérès

França, Bélgica, 1970 – 83 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Interpretando o papel principal deste seu filme *noir*, realizado após uma série de comédias, Jean-Pierre Mocky retrata a sociedade francesa da época encarando sem complacência quer a juventude de Maio de 68 quer a França de De Gaulle. A história é a de um violinista ladrão de joias que procura o irmão, chefe de um pequeno grupo de extrema-esquerda responsável por atentados sangrentos contra a burguesia abastada. É um filme importante da filmografia de Mocky, um policial melancólico, tenebroso e romântico, como já lhe chamaram. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [11] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [13] 19:30 | Sala Luís de Pina

BATTLE CRY

Antes do Furacão

de Raoul Walsh

com Van Heflin, Aldo Ray, James Whitmore, Mona Freeman

Estados Unidos, 1955 – 149 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento de Leon Uris a partir do seu *best-seller* homónimo, BATTLE CRY é o filme em que Raoul Walsh volta aos palcos da Segunda Guerra Mundial, com uma visão mais distanciada e crítica sobre o conflito e os homens. Singularmente, este notável filme de guerra destaca-se menos pelas características épicas das ações dos Marines, bastante reduzidas, do que pelos retratos individuais dos militares e das mulheres que os acompanham. Na Cinemateca, não é apresentado desde 2001.

► Quinta-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [25] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ABISMOS DE PASIÓN

O Monte dos Vendavais

de Luis Buñuel

com Jorge Mistral, Irasema Dilian, Lilia Prado, Ernesto Alonso

México, 1953 – 90 min / legendado em português | M/12

ABISMOS DE PASIÓN ou CUMBRES BORRASCOSAS é, sem a menor dúvida, um dos pontos mais fortes do período mexicano de Buñuel. Guillermo Cabrera Infante disse deste filme que era “um mau Brontë, mas um bom Breton”, destacando a sua dimensão surrealista. Note-se que no título da versão buñueliana de *Wuthering Heights* passamos do “monte” aos “abismos”, o que inverte todas as conotações. Apesar disso (ou por causa disso), esta adaptação do romance de Emily Brontë é fiel ao espírito da obra, acentuando a “possessão” de Heathcliff/Alejandro na siderante cena final no cemitério (a preferida de Buñuel), nec plus ultra do *amour fou* no cinema. A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”

de Richard Dindo

Suíça, 1970 – 99 min

legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

A partir do livro de Niklaus Meienberg, o filme documental de Richard Dindo reconstitui a vida de Ernst S. detendo-se no seu caso político: entre 1939 e 1944, o governo suíço mandou executar 17 “traidores da pátria”, o primeiro dos quais o jovem soldado Ernst S, que seria fuzilado no cantão de Saint-Gall pelo roubo e revenda de granadas aos nazis. O filme apresenta os pontos de vistas de pessoas próximas de Ernst S., testemunhos que incluem Edgar Bonjour, tido como o historiador “oficial” da Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, refletindo as questões esgrimidas em debates posteriores sobre o papel da Suíça durante a Guerra. Há quem o alinhe com LE DOULEUR ET LA PITIÉ de Marcel Ophuls. Jorge Silva Melo citava-o como uma referência importante, “um filme quase desconhecido, feito sobre a impossibilidade de ficção e representação”.

► Sexta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BAIE DES ANGES

A Grande Pecadora

de Jacques Demy

com Jeanne Moreau, Claude Mann, Paul Guers

França, 1963 – 83 min / legendado em português | M/12

Muito longe do filme cantado que seria uma das marcas do seu cinema, esta obra-prima de Jacques Demy descreve a paixão de uma mulher pelo jogo e o seu périplo de casino em casino na companhia do amante. A realização tem a leveza e a elegância do cinema do realizador francês, mas também capta magnificamente a angústia dos jogadores e a sua neurose. Filmado a preto e branco em cenários naturais na Côte d’Azur (Nice e Mônaco), LA BAIE DES ANGES tem uma criação fabulosa de Jeanne Moreau.

► Sábado [14] 19:30 | Sala Luís de Pina

► Quarta-feira [25] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL SOSPETTO

O Suspeito

de Francesco Maselli

com Gian Maria Volonté, Renato Salvatori, Annie Girardot

Itália, 1975 – 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Há quem o refira como um drama político ambientado na Itália fascista. O argumento é coassinado por Maselli e Franco Solinas, mais conhecido como argumentista de Gillo Pontecorvo (KAPÒ, LA BATTAGLIA DI ALGERI). A história segue a personagem de Emilio, um comunista italiano radicado em Paris por confrontos políticos com camaradas do Partido uns anos antes. E que é enviado numa missão a Turim quando a detenção de militantes por denúncia começa a dizimar as fileiras da resistência. O título de trabalho era “Missione nell’Italia Fascista”, tendo a produção que haver-se com a RKO, ciosa da exclusividade do título do filme de 1941 de Hitchcock, SUSPICION. Realizado por Francesco Maselli, irmão da artista

Titina Maselli, cujos quadros surgem em NINGUÉM DUAS VEZES, é uma das escolhas italianas de Jorge Silva Melo nesta sua carta branca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [16] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASTORALI

Pastoral

de Otar Iosseliani

com Rezo Charkhalashvili, Lia Tokhadze-Giugheli, Marina Kartsivadze, Támara Gabarashvili

Geórgia, 1976 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ainda do período georgiano de Otar Iosseliani, PASTORALI é a sua terceira longa-metragem, construída à volta da vida quotidiana de uma aldeia na Geórgia, onde a dado passo se instala um grupo de músicos para ensaiar um quarteto. “O filme de Iosseliani tem qualquer coisa de projeto etnológico; demolindo a velha ideia de contar uma história, conta mais histórias do que aquelas que o cinema contemporâneo contém, e multiplica-as pela força documental, ou seja, dirige-se ao espectador de amanhã” (Bernard Eisenschitz). Era este o Iosseliani que Jorge Silva Melo tinha originalmente em mente em 2020, altura em que acabou por estar programado GIORGOBISTVE (“FOLHAS CAÍDAS” / “OUTONO”, 1967). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ODD MAN OUT

Casa Cercada

de Carol Reed

com James Mason, Robert Newton, Kathleen Ryan

Reino Unido, 1947 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Com uma atmosfera expressionista que anuncia já o seu THE THIRD MAN, Carol Reed encena um verdadeiro “poema fúnebre” sobre a “solidão e o peso do destino”, nesta história de um chefe político do Sinn Féin, ferido num assalto e alvo de uma gigantesca caça ao homem. Quase inteiramente passado numa só noite, foi o filme que deu a James Mason uma das suas grandes personagens e o reconhecimento internacional antes de Hollywood.

- ▶ Terça-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN OF THE WEST

O Homem do Oeste

de Anthony Mann

com Arthur O’Connell, Gary Cooper, Jack Lord, John Dehner, Julie London, Lee J. Cobb

Estados Unidos, 1958 – 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O último grande *western* de Anthony Mann e, talvez, o mais pessimista dos seus filmes, onde deixa perceber a sensação de fim de um “mundo” e de uma forma de viver. Admirável desempenho de Gary Cooper na figura de um antigo bandoleiro regenerado e que procura auxiliar uma comunidade (o mesmo tema de BEND OF THE RIVER) acabando por reencontrar-se com o passado e ajustar contas definitivas com ele.

- ▶ Quarta-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [23] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE PATSY

Jerry, Oito e Três Quartos

de Jerry Lewis

com Jerry Lewis, Ina Balin, Everett Sloane, Keenan Wynn, Peter Lorre, John Carradine

Estados Unidos, 1964 – 101 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das obras-primas do realizador-ator Jerry Lewis, THE PATSY é uma sátira mordaz ao mundo do cinema (o título português indica-o jogando com o felliniano OITO E MEIO, do ano anterior). Jerry retoma uma personagem semelhante à de THE ERRAND BOY (1961) no papel de um mandarete de hotel que uma equipa do mundo do espetáculo escolhe para substituir a sua estrela recentemente falecida. Um dos mais estranhos e “destrutivos” dos seus filmes da década de 1960.

- ▶ Quinta-feira [19] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

WANDA

Wanda

de Barbara Loden

com Barbara Loden, Michael Higgins, Charles Dosiman, Frank Jourdan

Estados Unidos, 1971 – 102 min

legendado em francês e eletronicamente em português | M/16

Um filme feito à mão pela atriz Barbara Loden (irmã de Warren Beatty em SPLENDOR IN THE GRASS). História de uma mulher solitária e pobre na Pensilvânia, WANDA é uma experiência radical. A solidão americana, o sonho dos pobres, em carne viva. Um segredo tardiamente revelado da História do cinema, um belíssimo filme. Jorge Silva Melo escreveu sobre o filme para uma “folha” de sala do ciclo “Actor/Actor” em 1987 e publicou o texto no livro de antologia *Século Passado*, perguntando, “Que dizer da Ferida?” Tinha-o visto em Londres, em 1971: “Vi WANDA cinco vezes nessas duas semanas em que esteve em exibição. E se há coisa que nunca serei é isso para que me quisessem preparar [na London Film School], um profissional.”

- ▶ Terça-feira [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Abolfazl Ahankhah, Abbas Kiarostami, Mohsen Makhmalbaf

Irão, 1990 – 90 min

legendado em inglês e eletronicamente em português

COMENTÁRIO SOBRE O FILME POR JORGE SILVA MELO (UM EXTRA)

Portugal, 2007 – 18 min

duração total da projeção: 108 min | M/12

CLOSE-UP é uma das obras-primas de Abbas Kiarostami, um filme extraordinariamente livre, complexo, mas simples à superfície. Construindo-se nos registos documental e da ficção, e refletindo sobre a natureza da imagem, o real e o cinema, segue a história de um homem desempregado que finge ser o realizador Mohsen Makhmalbaf. Num testemunho filmado para acompanhar a sua edição portuguesa em dvd, Jorge Silva Melo defende-o como um filme que coloca as questões fundamentais do cinema com simplicidade, nitidez, problematização: “Depois deste filme não é possível fazer cinema da mesma maneira. Ficamos a duvidar de tudo.” A apresentar em cópia digital. A projeção do filme é sucedida do referido comentário de Jorge Silva Melo ao filme, registado por Joana Cunha Ferreira em entrevista a Marta Lisboa (para a edição dvd de CLOSE-UP da Midas Filmes).

- ▶ Quinta-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN

Duas Semanas noutra Cidade

de Vincente Minnelli

com Kirk Douglas, Edward G. Robinson, Cyd Charisse, George Hamilton, Claire Trevor

Estados Unidos, 1962 – 107 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um americano em Roma, uma angústia, uma confusão, uma perdição neste melodrama sobre o cinema e vida do pós-guerra, gente à deriva. A sequência do automóvel com Kirk Douglas subindo o Muro Torto é um dos momentos mais extraordinários do mais elegante dos cineastas, e aquele em que podemos ver o que mudou na compreensão do ser humano, no conturbado início dos anos 1960.

- ▶ Sexta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRONACA FAMILIARE

Dois Irmãos Dois Destinos

de Valerio Zurlini

com Marcello Mastroianni, Jacques Perrin, Salvo Randone, Sylvie

Itália, 1962 – 110 min

legendado eletronicamente em português | M/12

É obrigatório ver este Zurlini, uma visão poética e existencialista da Itália do pós-guerra. Diz-se que



“nunca se viu Mastroianni até se ver CRONACA FAMILIARE”. Seguindo um escritor marxista, em luto pela morte do irmão mais novo, um filme que ronda a morte, o desespero e a possibilidade de redenção. Às sombras que perseguem a personagem de Mastroianni, Zurlini contrapõe as cores de um magnífico Technicolor.

- ▶ Sexta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

VANITAS OU O OUTRO MUNDO

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Joana Bárcia, Filipe Cochofel, Pedro Miguel Silva, João Pedro Bénard

Portugal, 2014 – 100 min | M/12

Lúgubre, insano, demente, desmesurado, cheirando a incenso e óleos, crepuscular, tétrico, fantomático, desgarrado, este filme desequilibrado, rasgado, filme roto, filme nu, filme irreduzível, dorido e cantável, imensa melodia da passagem decrescente dos dias, será o filme mais amaldiçoado do mais amaldiçoado dos grandes cineastas modernos, Paulo Rocha. A ele se aplica o que Duras dizia de Montgomery Clift: “Só espero que haja cada vez mais homens que tremem como ele.” A “folha” da Cinemateca é de Jorge Silva Melo e lá se lê: “O que me inquieta neste filme é a ansiedade, indizível ansiedade”, ou “Raríssimas vezes o cinema nos deu este negrume, este abismo no coração gelado das personagens.”

- ▶ Sábado [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DÉTECTIVE

de Jean-Luc Godard

com Nathalie Baye, Claude Brasseur, Johnny Halliday, Alain Cuny

França, Suíça, 1985 – 95 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Nunca a ficção narrativa foi tão dinamitada, fragmentada, dilacerada, estrangulada, nunca as personagens deambularam tanto nos meandros de uma incompreensível história, nunca os lugares de passagem, quartos de hotel, átrios, lugares intermédios foram tanto os lugares da nossa inquietação. Da fase menos reconhecida de Jean-Luc Godard, é seguramente o seu filme mais amargo e mais solitário até então, um adeus. Num texto sobre DÉTECTIVE, Jorge Silva Melo: “Aqui estamos na raiz da música, nas ruínas do cinema, no parti-pris que agora, tantos anos depois do PETIT SOLDAT e das citações de Ponge, é agora, moribundo, o parti-pris das sombras.”

- ▶ Terça-feira [31] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIO BRAVO

Rio Bravo

de Howard Hawks

com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Angie Dickinson, Walter Brennan

Estados Unidos, 1959 – 141 min

legendado eletronicamente em português | M/12

RIO BRAVO é um dos mais famosos *westerns* de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a HIGH NOON de Fred Zinnemann. Um grupo de homens com uma missão a cumprir é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso, a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino. Mas é também, como todos os filmes do realizador, uma fabulosa variação sobre a “guerra dos sexos”, com um fabuloso duelo verbal entre John Wayne e Angie Dickinson. Jorge Silva Melo indica-o muitas vezes como o filme entre os preferidos. Escreveu sobre ele para o catálogo *Howard Hawks* de 1990: “Se há filmes que me fizeram mal? Este. RIO BRAVO. Mal em tudo: na vida, nos amores, na profissão, quando penso em fazer um filme, quando me ponho a escrever uma história, quando vou ao cinema, naquelas horas plenas (e ainda tão raras!) em que posso filmar ou trabalhar.”



A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN, DIRECTOR'S CUT E LIGHT CONE

A colaboração entre a Cinemateca e a edição deste ano do Indielisboa – Festival Internacional de Cinema, iniciada no final de abril, continua até ao final da primeira semana de maio e inclui três programas distintos: a retrospectiva da obra de Doris Wishman, pioneira do *sexploitation*; a apresentação de filmes da secção Director's Cut do festival, e uma homenagem à Light Cone, fundamental distribuidora e divulgadora de cinema experimental, no âmbito da secção Silvestre.

DORIS WISHMAN – O INFERNO PODE ESPERAR

“Quando morrer, vou fazer filmes no Inferno” é uma das citações mais conhecidas de Doris Wishman (1912–2002), figura fundamental do cinema *exploitation* americano. Uma das primeiras mulheres a filmar e a vingar no mundo vincadamente masculino da produção *sexploitation* americana no início dos anos 1960, Wishman começa uma prolífica carreira (25 longas-metragens, número que raras mulheres cineastas atingiram ou ultrapassaram) a trabalhar na indústria na componente de distribuição, experiência que se revelaria posteriormente bastante importante para as suas escolhas como realizadora. A estreia na realização faz-se em 1960 em circunstâncias particulares, com o fim do código de censura a permitir o *boom* de produções independentes de baixo orçamento. Talvez Doris Wishman seja a mais merecedora de figurar numa “política autoral” paralela ao cânone da história do cinema, já que corresponde plenamente à ideia da “autora total”. Com diferentes pseudónimos nos genéricos, Wishman foi responsável pela produção, argumento e realização de cada um dos seus filmes, por mais de quatro décadas, acompanhando a evolução do gosto por emoções fortes das plateias e temas transgressores. Em função dessa relação muito direta com o público (financiou cada nova obra com os lucros da anterior), a filmografia de Wishman tem sido dividida em três fases. À primeira, pertencem os seus primeiros oito filmes, os *nude cuties*, que resultam da simples possibilidade de, a partir do início dos anos 1960, se poder mostrar nudez nos ecrãs americanos. A sua fervilhante imaginação e o cuidado posto nos “acabamentos” (são maravilhosas a fotografia a cores e as bandas sonoras, veja-se NUDE ON THE MOON) resgatam os filmes de serem curiosidades cinematográficas que testemunham a revolução sexual então em curso. Na segunda fase, a dos *roughies*, Wishman acompanha a evolução do mercado *exploitation* e deixa para trás a candura para passar a integrar a sexualidade como matéria temática principal, geralmente associada a comportamentos violentos sobre as mulheres. Filmados em preto e branco, são filmes com uma pulsão experimental surpreendente que ecoam gestos semelhantes ligados ao movimento de vanguarda (Andy Warhol não andarão longe), mas que se tornam únicos pela sensibilidade singular com que combina um aparente realismo com uma surpreendente componente onírica (David Lynch não desdenharia a estranheza de alguns dos filmes deste período como BAD GIRLS GO TO HELL ou INDECENT DESIRES). Por último, a fase *gimmick*, menos fácil de definir e marcada pela nova concorrência do cinema pornográfico, que integra uma maior variedade de abordagens, misturando outros géneros (o policial em DOUBLE AGENT 73, a comédia em KEYHOLES ARE FOR PEEPING, o documentário em LET ME DIE A WOMAN, ou o terror em A NIGHT TO DISMEMBER). Quando morreu de uma forma fulminante, Wishman tinha completado 90 anos e estava a preparar um novo filme. Depois de um hiato silencioso, nos últimos anos de vida, Wishman tinha recomeçado a escrever e a realizar alimentada pelo entusiasmo de um grupo cada vez mais numeroso de admiradores que pediam o reconhecimento das qualidades da sua obra, entre as quais se destacam a imaginação sem limites dos argumentos, a inesperada ousadia formal e o conteúdo fortemente subversivo. Entre esses admiradores, conta-se a realizadora Peggy Awesh, autora da monografia sobre Wishman que assinalou o início da sua redescoberta, que estará em Lisboa para apresentar várias sessões do Ciclo e participar numa mesa-redonda sobre a cineasta. À exceção de LET ME DIE A WOMAN (aqui exibido no já distante ano de 2003 no âmbito do Ciclo Trash – É Tão Mau que É Bom), todos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca e serão exibidos em cópias digitais restauradas.



DOUBLE AGENT 73

► Segunda-feira [02] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

BAD GIRLS GOT TO HELL

de Doris Wishman

com Gigi Darlene, Barnard L. Sackett, Sam Stewart

Estados Unidos, 1965 – 64 min

legendado eletronicamente em português | M/16

O primeiro *roughie* oficial de Doris Wishman depois de vários *nude cuties* (que já não eram suficientemente atrativos para continuar a alimentar o voyeurismo de espectadores então a viver em pleno a revolução sexual dos anos 1960) é uma obra delirante e ainda hoje absolutamente transgressora. BAD GIRLS GO TO HELL conta a história de Meg (Gigi Darlene), uma dona de casa de Boston que, após ser violada pelo porteiro do prédio onde vive, mata o seu agressor e foge para Nova Iorque, onde passa por uma série de encontros violentos e sexuais enquanto tenta escapar à polícia. As insuficiências dos valores de produção e do enredo são superadas pelo estilo visual surpreendentemente idiossincrático de Wishman e pelo compromisso singular com uma visão excêntrica e surreal da sexualidade. Filmado num belíssimo preto e branco (a qualidade da direção de fotografia dos seus filmes foi sempre um dos pontos fortes de Wishman quando comparado com os seus colegas do *exploitation row*).

► Segunda-feira [02] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [06] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DEADLY WEAPONS

de Doris Wishman

com Chesty Morgan, Harry Reems, Richard Towers

Estados Unidos, 1974 – 75 min

legendado eletronicamente em português | M/16

O primeiro de dois filmes de Doris Wishman com a *performer* de burlesco Chesty Morgan, no papel de Crystal, uma mulher que usa métodos inusitados para se vingar dos mafiosos que mataram o seu namorado. Seduzindo cada um, ela incapacita as suas vítimas e sufoca-as até à morte com os seus avantajados seios. Com uma premissa irresistível e a habitual realização idiossincrática de Doris Wishman, este *thriller* insólito opera com uma lógica absurda muito própria e é um dos filmes de maior culto do cinema *sexploitation* (um breve excerto é citado em SERIAL MOM de John Waters, confesso admirador da sua obra).

► Segunda-feira [02] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [07] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOUBLE AGENT 73

de Doris Wishman

com Chesty Morgan, Frank Silvano, Saul Meth

Estados Unidos, 1974 – 72 min

legendado eletronicamente em português | M/16

Doris Wishman voltou a trabalhar com Chesty Morgan, estrela de DEADLY WEAPONS e possuidora de um busto de 73 polegadas (daí o título do filme) neste *thriller* de espionagem. Desta vez, Morgan interpreta Jane, uma agente secreta que usa as suas vantagens anatómicas (onde está implantada uma câmara fotográfica) para ajudar a identificar e a derrubar o chefe de um cartel de droga que inunda o mercado com heroína adulterada. Mas a câmara é também uma bomba-relógio que será detonada caso Jane não cumpra a missão a tempo!



KEYHOLES ARE FOR PEEPING

► Terça-feira [03] 18:00 | Esplanada

GIRLS BEWARE! – O CINEMA DE DORIS WISHMAN

Conversa com Peggy Awesh e Lisa Petrucci. Em inglês, sem tradução simultânea

ENTRADA LIVRE, MEDIANTE LEVANTAMENTO DE INGRESSO NA BILHETEIRA

No início dos anos 1990, a realizadora Peggy Awesh descobria o paradeiro da “desaparecida” pioneira do cinema *sexploitation*, então a trabalhar numa *sex shop* em Miami, e dedicava-lhe uma monografia de culto sobre a sua obra. Em *The Films of Doris Wishman*, Awesh escrevia que “os seus filmes oferecem o pré-requisito da estranheza desse género, mas têm a ressonância subjacente do medo e da hostilidade em relação às mulheres no nosso mundo, que Doris descreve à sua maneira profunda e espalhafatosa”. Nesta conversa sobre a obra singular da autora de *BAD GIRLS GO TO HELL* participam Peggy Awesh e Lisa Petrucci, responsável da Something Weird Vídeo, distribuidora americana especializada no cinema de *exploitation* e de série B.

► Terça-feira [03] 19:30 | Sala Luís de Pina
► Sexta-feira [06] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE IMMORAL THREE

de Doris Wishman
com Cindi Boudreau, Sandra Kay,
Michele Marie, Robert S. Barba

Estados Unidos, 1975 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/16

As imorais do título são três sedutoras meias-irmãs (separadas à nascença por terem sido dadas para adoção) que têm como missão vingar a morte da mãe logo após o género inicial – e, conseqüentemente, obter a herança que ela lhes terá deixado. A mãe em questão é a Jane de *DOUBLE AGENT 73*, personagem que aqui já não é protagonizada pela lendária Chesty Morgan (depois de dois filmes, e apesar do êxito garantido de bilheteira que a sua presença garantia, Doris Wishman prescindiu da *performer* burlesca por já não suportar o seu vedetismo e as suas limitadas capacidades como intérprete). O espírito extravagante dos anos 1970 permeia todo o filme, desde os estranhos ângulos de câmara e garridos figurinos até ao uso (já familiar aos fãs de Wishman) de cinzeiros e taças para matar pessoas. À época, a publicidade do filme prometia: “Elas amam... Elas matam... Não há nada que elas não fariam!”

► Terça-feira [03] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

INDECENT DESIRES

de Doris Wishman
com Sharon Kent, Trom Little, Michael Alaimo

Estados Unidos, 1968 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Nova incursão de Wishman no género *sexploitation* em versão *roughie*, *INDECENT DESIRES* é um dos seus mais fascinantes, surreais e complexos filmes. O solitário Zeb (Michael Alaimo) descobre uma boneca e um anel com poderes de vudu que lhe permitem controlar à distância as sensações experimentadas por Ann (Sharon Kent), uma jovem por quem está obcecado. À medida que

a manipulação da boneca por Zeb se torna cada vez mais fetichista e violenta, a indefesa e possuída Ann começa uma descida gradual até à loucura. A singular imagética e trabalho de som de Wishman colocada ao serviço de uma história de perversão e abuso que hoje se diria um manifesto sobre masculinidade tóxica.

► Quarta-feira [04] 19:30 | Sala Luís de Pina
► Sábado [07] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

KEYHOLES ARE FOR PEEPING

de Doris Wishman
com Sammy Petrillo, Phillip Stahl,
Lou Silverman, Saul Meth

Estados Unidos, 1972 – 70 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Uma tentativa cômica de satirizar a indústria de filmes para adultos e que conta com

Sammy Petrillo, um comediante e imitador de Jerry Lewis (Doris Wishman insistiu que ficasse próximo do guião e não fizesse o seu estilo de imitação habitual, mas o pedido não surtiu grande efeito), no papel de uma espécie de conselheiro sentimental que tenta ajudar um *voyeur* compulsivo a arranjar namorada. Segundo Wishman, a sua única incursão na comédia foi também o seu único *flop* comercial, mas as cenas eróticas observadas pelo *peeping tom* pertencem à imagética mais poderosa que a rainha do *sexploitation* deixou.

► Quarta-feira [04] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sábado [07] 19:30 | Sala Luís de Pina

LET ME DIE A WOMAN

de Doris Wishman

Estados Unidos, 1977 – 78 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Um dos primeiros filmes a abordar a vida das pessoas transgénero, este controverso documentário de Doris Wishman é um híbrido difícil de classificar entre o filme educacional e o *exploitation*, no qual entrevistas alternam com cenas encenadas. Tratando o seu tema com uma mistura de empatia com sensacionalismo, o filme de Wishman retrata o Dr. Leo Wollman, especialista em saúde trans, e uma variedade de pessoas transgénero que falam sobre as suas experiências de disforia de género. Embora tenham sido as representações gráficas de cirurgias de mudança de sexo a garantir a sua notoriedade duradoura, *LET ME DIE A WOMAN* permanece como um raro registo histórico da experiência transgénero na década de 1970.

► Quinta-feira [05] 19:30 | Sala Luís de Pina

ANOTHER DAY ANOTHER MAN

de Doris Wishman

com Agustin Mayor, Barbara Kemp, Sam Stewart

Estados Unidos, 1966 – 61 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Em *ANOTHER DAY ANOTHER MAN* (como tantas vezes

acontece nos filmes de Wishman, o título é todo um programa) um jovem casal muda-se para um apartamento novo e caro quando o marido recebe um aumento salarial. Infelizmente, ele é logo acometido por uma doença misteriosa e fica acamado. A esposa, incapaz de encontrar um emprego e com as contas a acumular-se, conhece um proxeneta que lhe sugere uma maneira de ganhar muito dinheiro em pouco tempo. A idealização do amor romântico encontra aqui o seu contraponto na realidade crua do sexo pago numa história que caminha em direção à tragédia, tudo filmado no estilo único e inimitável do “realismo onírico” de Doris Wishman (como o recurso frequente à voz off como forma de contornar limitações de produção e os inserts inesperados e de grande expressividade poética).

► Quinta-feira [05] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DIARY OF A NUDIST

de Doris Wishman

com Davee Decker, Norman Casserly, Dolores Carlos

Estados Unidos, 1962 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/16

No princípio era a nudez. *DIARY OF A NUDIST*, uma das primeiras incursões de Doris Wishman no subgénero dos *nudie cuties*, explora as possibilidades literais do seu título para mostrar a nudez em toda a sua variedade humana. Indignado pela abertura de uma colónia de nudistas perto da sua cidade, o diretor de um jornal envia uma jornalista *undercover* para fazer uma reportagem de denúncia sobre o local. A repórter, no entanto, é conquistada pelos ideais naturistas e decide juntar-se à causa. Filmado *on location* numa verdadeira colónia nudista na Flórida, o que permitiu que o filme fosse distribuído por se tratar de uma exceção permitida pela censura da época em alguns estados americanos.

► Sexta-feira [06] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NUDE ON THE MOON

de Doris Wishman, Raymond Phelan

com Marietta, William Mayer, Lester Brown

Estados Unidos, 1961 – 70 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Segundo filme dos oito *nudies* que Doris Wishman dirigiu no início da sua carreira, *NUDE ON THE MOON* é uma fantasia de ficção científica kitsch inspirada na corrida espacial desses anos 1960. Inocentemente excitante, confere um toque único ao género *sexploitation*, transferindo a ação da habitual colónia naturista para o espaço sideral. Depois de herdar uma fortuna inesperada, dois cientistas usam o dinheiro para construir um foguete que os levará numa missão até à Lua (que aqui é mesmo a última fronteira e tem uma notável semelhança com a Flórida), onde descobrem uma civilização de extraterrestres em *topless* que comunicam telepaticamente (o que permite a Wishman dispensar quase completamente os diálogos síncronos, uma das suas características estilísticas mais distintivas).



LET ME DIE A WOMAN

DIRECTOR'S CUT

Esta secção do festival IndieLisboa mostra produções recentes que mergulham na memória do cinema como sua principal inspiração e matéria-prima. Todos os filmes a exhibir são primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [03] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

RECONSTRUÇÃO

de Francisco Noronha
Portugal, 2022 – 17 min

THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY

Aristotelis Maragkos
Grécia, 2021 – 62 min

Duração total da projeção: 79 min
legendados eletronicamente em português | M/16

COM AS PRESENCAS DE FRANCISCO NORONHA
E ARISTOTELIS MARAGKOS

Sem voz e sem texto, só com o poder da imagem e da montagem. Francisco Noronha constrói um retrato dos arredores de Lisboa vistos pelo cinema português, com imagens desde OS VERDES ANOS de Paulo Rocha (1963) a O FIM DO MUNDO de Basil da Cunha (2020). Pelo meio, há imagens de Manuel Mozos, de João Salaviza e do neorealismo italiano. Em THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY, dez desconhecidos acordam num voo noturno de Boston para Los Angeles, descobrindo, para seu pânico, que o resto dos passageiros e a tripulação desapareceram. Assim começa uma novela de Stephen King, depois adaptada a minissérie televisiva por Tom Holland, em 1995. Agora, é a série de Holland que é transformada e reformulada através de uma técnica de animação e colagem neste filme experimental que enaltece a temática e as performances dos atores. Uma descida à loucura hipnótica.

► Quarta-feira [04] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PRISME

de Eléonore Yameogo, An van. Dienderen,
Rosine Mfétgo Mbakam
com Bwanga Pilipili, Tella Kpomahou,
Sylvestre Amoussou

Bélgica, Camarões, Burkina Faso, 2021 – 78 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Em PRISME, a realizadora belga An van. Dienderen convida Rosine Mbakam (Camarões) e Eléonore Yameogo (Burkina Faso), para uma obra colaborativa cujo ponto de partida se encontra nas diferenças entre as cores de pele e nas suas experiências enquanto cineastas. Dividido em três partes, concebidas por cada uma das realizadoras, e unido através de gravações de conversas online, confrontam e discutem as suas opiniões e conclusões sobre as possibilidades e incapacidades da câmara de retratar com precisão os seus tons de pele, os problemas encontrados na iluminação e a forma como as próprias técnicas podem influenciar e prolongar desigualdades culturais. PRISME recorre a detalhes que são normalmente vistos como meros problemas técnicos, para explorar as suas ramificações culturais e históricas através do profundo confronto com as imagens que criam.

► Quarta-feira [05] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sábado [07] 19:00 | Sala M Félix Ribeiro

STRANGER THAN ROTTERDAM WITH SARA DRIVER

de Lewie Kloster, Noah Kloster
Estados Unidos, 2021 – 9 min

TERRA FEMME

de Courtney Stephens
Estados Unidos, 2021 – 62 min

duração total da projeção: 71 min
legendados eletronicamente em português | M/16

A narradora de STRANGER THAN ROTTERDAM é Sara Driver – cineasta, produtora e mulher de Jim Jarmusch –, que conta a hilariante história de como contrabandeou a única cópia de COCKSUCKER BLUES (o controverso documentário sobre uma tour dos Rolling Stones) até ao Festival de Roterdão. TERRA FEMME é composto por filmes amadores feitos em viagem por mulheres entre os anos 1920 e 1940, que os apresentavam também publicamente com comentários das próprias. O realizador Courtney Stephens constrói uma visão do olhar cinematográfico feminino relacionado com o espírito próprio de quem é viajante.

► Sexta-feira [06] 19:30 | Sala Luís de Pina

ET J'AIME À LA FUREUR

de André Bonzel

França, 2021 – 97 min
legendado eletronicamente em português | M/16

ET J'AIME À LA FUREUR parte de filmes que o realizador colecionou, de cariz anónimo ou amador, e que usa agora para arquitetar um olhar que engloba a sua própria vida, com as suas histórias de família, bem como uma (clara) obsessão pelo cinema (e por sexo). Um retrato entre a ficção e a realidade, entre a comoção e o narcisismo, assombrado por amores passados, mas pleno de *joie de vivre*.



ET J'AIME À LA FUREUR

FOCO SILVESTRE: LIGHT CONE

A Light Cone, distribuidora fundamental para a divulgação do cinema experimental, celebra o seu 40º aniversário em 2022 e é homenageada pelo festival IndieLisboa com um foco sobre essas quatro décadas de vida em quatro sessões. Desde o seu início, a Light Cone dedicou-se à distribuição, divulgação, pesquisa e preservação de cinema experimental, promovendo-o a partir de França e para todo o mundo. Do seu catálogo fazem parte seis mil títulos, o que faz dele um dos maiores e mais importantes arquivos de cinema experimental, reunindo filmes das mais diversas origens históricas, geográficas e formais. Emmanuel Lefrant, atual diretor da Light Cone, estará presente para apresentar as quatro sessões do programa.

solidão no meio da multidão que passeia num espaço sem indicação da sua localização, sem sons. Apenas os fragmentos de diálogos captados por um programa de autoaprendizagem conferem uma narrativa às imagens. Em LIKE A PASSING TRAIN I pressentimos o perigo iminente do turbilhão do comboio a passar. Mas está tudo bem, é só uma imagem nos ecrãs que são as janelas deste apartamento. No documentário OR ANYTHING AT ALL EXCEPT THE DARK PAVEMENT tudo parece estranho até que, num traveling em dois momentos, se revela a beleza da noite. Em THE VERY EYE OF THE NIGHT, Maya Deren faz uma coreografia celestial que nos fala da libertação absoluta de referências e narrativa. Contra um céu estrelado, figuras (os alunos da Metropolitan Opera Ballet School de Nova Iorque) mostram-nos o universo interior do ser humano, no qual este entra ao adormecer.

► Segunda-feira [02] 19:30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA LIGHT CONE 1 – PROGRESSIVO CONFORTO

THE

de Dieter Kovacic, Billy Roisz
Áustria, 2015 – 13 min

EÛT-ELLE ÉTÉ CRIMINELLE...

de Jean-Gabriel Périot
França, 2006 – 9 min

DREAM WORK

de Peter Tscherkassky
Áustria, 2001 – 11 min

PRELUDE

[n:ja],
Áustria, 2007 – 3 min

LIKE A PASSING TRAIN I

de Kohei Ando
Japão, 1978 – 3 min

OR ANYTHING AT ALL EXCEPT THE DARK PAVEMENT

de Théodora Barot
França, 2011 – 6 min

THE VERY EYE OF THE NIGHT

de Maya Deren

Estados Unidos, 1959 – 15 min

Duração total da projeção: 60 min
legendados eletronicamente em português | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR EMMANUEL LEFRANT

Com o potencial de provocar medo nos corações dos mais duros, THE é um filme experimental que cria uma colagem de filmes de terror para contar uma história onde “suspense” e “choque” são as palavras de ordem. EÛT-ELLE ÉTÉ CRIMINELLE..., passado no final da Segunda Grande Guerra inclui a angustiante punição em praça pública de mulheres que tiveram relações com soldados alemães durante a ocupação. Em DREAM WORK, durante onze minutos de confusão, o espectador entra num mundo onírico onde consciente e inconsciente se sobrepõem. Será a mulher adormecida que se afunda no sono ou o filme que se afunda nela? PRELUDE filma a

► Terça-feira [03] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LIGHT CONE 2 –
NETSPLOITATION (2000–2019)**KEIN FILM**de Michael Bryntrup
Alemanha, 2000 – 1 min**STEVE HATES FISH**de John Smith
Reino Unido, 2015 – 5 min**THE CATALOGUE**de Chris Oakley
Reino Unido, 2004 – 5 min**FRAGMENTS**de Neozoon
Alemanha, 2019 – 5 min**BROADCUTS**de Claudio Sinatti
Itália, 2002 – 7 min**DIALOGUE: A PORTRAIT OF SLAVOJ ŽIŽEK**de Colectivo Los Ingrávidos,
México, 2015 – 8 min**DEBRIS**de Giuseppe Boccasini
Itália, Alemanha, 2017 – 11 min**YO-YO RATED**de Derek Woolfenden
França, 2006 – 20 min*Duração total da projeção: 62 min*
legendados eletronicamente em português | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR EMMANUEL LEFRANT

O primeiro filme relacionado com a Internet de Michael Bryntrup, KEIN FILM é um minuto de ode ao ritmo na era da reprodutibilidade. Walter Benjamin aprovaria? Filmado num telemóvel, STEVE HATES FISH aborda uma aplicação que tenta traduzir sinaléticas do francês para o inglês e é confundida sem piedade. THE CATALOGUE revela uma utopia do consumismo em que somos reduzidos aos nossos gostos e características para nos melhor ser vendido o que (não?) queremos. FRAGMENTS é um documentário que nos mostra que na *slot-machine* do capitalismo, não são as coisas, mas o próprio consumo que é o nosso deus. BROADCUTS é um vídeo composto por *sampling* sonoro e visual de notícias de todo o mundo, feito em colaboração com Painè Cuadrelli. Em DIALOGUE: A PORTRAIT OF SLAVOJ ŽIŽEK discursa, mas a sua imagem é desconstruída até já nada, ou tudo, fazer sentido. DEBRIS faz uma apropriação-de-uma-apropriação de vídeos de Instagram, YouTube, videojogos e arquivos públicos que (re)compõem memórias naufragadas. YO-YO RATED monta uma instalação com facetas diferentes: dois amigos num exercício de masturbação em que ambos saem a perder e a coleção de imagens que poderão explicar a aparente impotência.



FRAGMENTS

► Quarta-feira [04] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LIGHT CONE 3 –
EROTISMO E SUGESTÃO**WALT DISNEY'S EX PROD**de Olivier Fouchard
França, 1998 – 3 min**THÈMES ET VARIATIONS**de Germaine Dulac
França, 1928 – 9 min**SLEEPY HAVEN**de Matthias Müller
Alemanha, 1993 – 15 min**ECCE HOMO**de Jerry Tartaglia
Estados Unidos, 1989 – 7 min**SOLITARY ACTS #4**de Nazli Dinçel
Estados Unidos, 2015 – 15 min**SEXE - THYM**de Nathalie Harran
França, 1993 – 1 min**AI(LOVE)**de Takahiko Limura
Japão, 1963 – 10 min**MIT MIR**de Kerstin Cmelka
Áustria, 2000 – 3 min**CLASSIC LESBIAN FILMS: DYKETACTICS**de Barbara Hammer
Estados Unidos, 1974 – 4 min**ALL YOU CAN EAT**de Michael Bryntrup
Alemanha, 1993 – 5 min*Duração total da projeção: 72 min*
legendados eletronicamente em português | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR EMMANUEL LEFRANT

WALT DISNEY'S EX PROD - A estranha sexualização de uma cadelinha cantora num filme para crianças, numa investigação fílmica ao som de Colette Renard. Em THÈMES ET VARIATIONS, vemos o corpo de uma mulher a dançar, a maquinaria a trabalhar e a sensualidade das formas, cada vez mais abstratas, no ecrã. Numa referência a FIREWORKS de Kenneth Anger, SLEEPY HAVEN cria uma movimentação erótica entre imagens pré-existentes e outras filmadas, com uma linguagem amorosa, uma dialética de nudez, de respiração pesada e de rendição do corpo. ECCE HOMO entrecorta imagens de *Um Cântico de Amor*, de Jean Genet, com imagens de cenas sexuais entre homens, levantando questões sobre subversão e tabus. A realizadora masturba o assunto em debate, a sua vagina: SOLITARY ACTS #4 reflecte sobre o toque através das memórias de adolescência e de trabalho directo sobre a película. Num plano em profundo zoom que brinca com as definições de sexe (sexo ou órgão sexual) e thym (tomilho), que rima com a palavra inglesa para tempo (time), SEXE - THYM cria um jogo de palavras e imagens. O filme avant-garde japonês AI(LOVE) é um poema feito-filme pela sua utilização da imagética surrealista, apresentando um olhar sensual pelo corpo humano. MIT MIR apresenta uma mulher e o seu duplo num jogo de carícias. CLASSIC LESBIAN FILMS: DYKETACTICS



CLASSIC LESBIAN FILMS: DYKETACTICS

explora a identidade da mulher enquanto lésbica, que mistura a materialidade do filme com a tangibilidade do corpo feminino criando uma estética própria. Em jeito de libertação, ou exorcismo apoteótico, ALL YOU CAN EAT uma colagem de momentos de prazer sexual masculino.

► Quinta-feira [05] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LIGHT CONE 4 –
INTIMIDADES**JOURNAL INTIME**de Jean-Gabriel Périot
França, 2000 – 3 min**MILES**de Yann Beauvais
França, 1983, 3 min**JOURNALITÉS 1**de Frédérique Devaux
França, 1995 – 34 min**ALLERS VENUES**de Vivian Ostrovsky
França, 1984 – 12 min**NOTEBOOK**de Marie Menken
Estados Unidos, 1963 – 10 min**THE SCARY MOVIE**de Peggy Ahwesh
Estados Unidos, 1993 – 9 min**YOU BE MOTHER**de Sarah Pucill
Reino Unido, 1990 – 7 min**THANK YOU, I HAVE BEEN VERY PLEASED**de Mara Mattuschka
Áustria, 1987 – 2 min*Duração total da projeção: 80 min*
legendados eletronicamente em português | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR EMMANUEL LEFRANT

Em JOURNAL INTIME, um homem desvenda-se ao espelho, sem a armadura estética (lentes de contacto, dentadura) do dia-a-dia em público. MILES é um retrato fílmico do cineasta Miles McKane. JOURNALITÉS 1 constrói um diário ao longo de 12 anos transformado em filme não-objetivo que relata acontecimentos relevantes para o autor e a sua relação com o movimento artístico e literário Letrismo, fundado por Isidore Isou. ALLERS VENUES passa-se durante um mês no campo no sul de França, entre animais domésticos. Um grupo de amigos aluga uma casa e o verão vai-se aproveitando. NOTEBOOK é um filme frenético e pessoal, marcado pela aleatoriedade dos assuntos, tal como um caderno de pensamentos colecionados com o passar do tempo. THE SCARY MOVIE junta duas miúdas pequenas, capas de vampiros e uma propensão para a diversão. Assim se brincam com os motivos recorrentes e clássicos dos filmes de terror, jogando com identidades de género e dinâmicas de poder. Em YOU BE MOTHER, fragmentos da cara da artista projetados em chávenas exploram a expressão inglesa "I'll be mother", dita por quem serve o chá. THANK YOU, I HAVE BEEN VERY PLEASED filma Mimi Minus em pleno acto masturbatório, enquanto a câmara se afasta até o seu corpo se confundir com a paisagem.



THE SCARY MOVIE

OS FILMES DE ERNIE GEHR

Uma retrospectiva consagrada ao cinema de Ernie Gehr, que se estende desde os seus primeiros filmes em película, realizados em 1968, aos mais recentes trabalhos digitais, percorrendo-se mais de cinco décadas de uma obra que atravessa uma das maiores revoluções tecnológicas do cinema. Menos conhecido que Stan Brakhage ou Michael Snow, a cujas obras consagramos dois programas nos últimos anos, Ernie Gehr é, a seu lado, e de outros cineastas como Hollis Frampton, Maya Deren ou Ken Jacobs, uma das mais importantes figuras do cinema de *avant-garde* norte-americano, conduzindo muito longe as suas experiências cinematográficas em torno da perceção e da ilusão.

Afastando-se da via mais lírica do cinema experimental, Gehr tem dedicado grande parte do seu cinema a uma exploração das matérias do cinema, tendo a "luz" e as propriedades fotoquímicas do meio fílmico um papel essencial numa obra que valoriza a anti-ilusão cinematográfica, mas também a história do próprio cinema e dos seus primórdios. Projetados a velocidades mais lentas que os habituais 24 fotogramas por segundo, os filmes que Gehr realizou em película ao longo de muitos anos são na sua maioria mudos, produzindo uma nova forma de orquestrar a duração. Um aspeto que se altera com a exploração do meio digital, em que o som ganha uma progressiva importância. Este é um programa que se organiza em "duas partes", uma primeira dedicada aos filmes realizados em película, e uma segunda relativa aos trabalhos em digital, assinalando ESSEX STREET QUARTET (2004) o momento da transição.

Trata-se de uma obra que tem refletido sobre o quotidiano das paisagens urbanas e sobre as suas transformações e em que a representação da realidade cede frequentemente face a imagens com qualidades "mágicas" que perturbam a nossa perceção de elementos familiares. Hoje, numa altura em que trabalha exclusivamente em digital, são as ruas de Nova Iorque que ocupam o centro da maior parte dos filmes de Gehr, cidade onde reside e na qual continua a desenvolver um trabalho essencialmente solitário e muito pessoal. Numa oscilação permanente entre representação e abstração, os filmes de Ernie Gehr traduzem a energia de uma realidade em permanente mutação, em que coexistiam mundos e estratos de tempo diferentes. Um trabalho que tem muito de lúdico e que explora os paradoxos da experiência cinematográfica.

Como afirmou Gehr em 1971, "o cinema é uma intensidade variável da luz, um balanço interno de tempo, um movimento dentro de um determinado espaço". Cada um dos seus filmes sublinha esta afirmação.



Com exceção de EUREKA, todos os filmes realizados em película serão apresentados em cópias recém-restauradas pelo MoMA – Museum of Modern Art. **Ernie Gehr acompanhará pessoalmente as várias sessões e estará presente numa conversa em que se discutirá mais a fundo a sua obra.**



► Terça-feira [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA 1

MORNING

Estados Unidos, 1968 – 4 min / mudo

WAIT

Estados Unidos, 1968 – 7 min / mudo

REVERBERATION

com Andrew Noren, Margaret Lamarre

Estados Unidos, 1969 – 23 min / som

TRANSPARENCY

Estados Unidos, 1969 – 11 min / mudo

FIELD

Estados Unidos, 1970 – 9 min / mudo

HISTORY

Estados Unidos, 1970 – 36 min / mudo

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 90 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

Uma sessão composta pelos primeiros filmes de Ernie Gehr, que traduz a sua atenção muito particular à matéria das imagens, a luz. Em MORNING, obra inaugural de Gehr, a luz da manhã flui através da grande janela do seu apartamento, que a filtra com a câmara, fazendo-a pulsar entre o brilho extremo e a escuridão, e revelando este espaço doméstico como a *camera obscura* do cineasta. Os objetos aparecem e desaparecem no negro, numa meditação sobre a perceção e a materialidade do cinema. A luz ocupa ainda o centro de WAIT, o outro filme que, conjuntamente com MORNING, Jonas Mekas descreveu como uma "light narrative". A luz pulsa em redor de duas figuras sentadas, resultando este efeito de um modo muito particular de expor cada fotograma e de projetar as imagens à cadência do cinema mudo, uma característica recorrente na obra de Gehr. REVERBERATION, o único filme com som da sessão, desenvolve-se nas ruas de Nova Iorque. Sobre ele Michael Snow escreveu: "A relação imagem-som é uma das mais intensas que já experimentei: o som tem uma massa, é contínuo, com bordas ásperas. Essa mancha preta e branca é igual a uma rocha. (...) Alguém vê e ouve os átomos rodopiantes

sob as imagens de ruas, prédios, pessoas." A ênfase não está no casal que Gehr retrata nas ruas da cidade, mas na relação dos seus corpos com a luz e o espaço. Filmado com uma câmara sem lente e com um tecido negro à frente da câmara que produz uma imagem necessariamente abstrata assente nas variações do grão fílmico face à luz, HISTORY revela-nos as puras vibrações da química fotográfica. Já em FIELD, os movimentos de câmara transformam completamente o espaço. "Gehr deliberadamente transformou a paisagem natural num paradoxo perceptivo." (P. Adams Sitney). Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Quarta-feira [25] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA 2

EUREKA

Estados Unidos, 1974 – 30 minutos / mudo

SERENE VELOCITY

Estados Unidos, 1970 – 23 min / mudo

TABLE

Estados Unidos, 1976 – 15 min / mudo

SHIFT

Estados Unidos, 1972-74 – 9 min / som

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 77 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

EUREKA assenta num trabalho de refilmagem de um filme mudo que retrata Market Street em São Francisco, em 1906. Gehr apropria-se de um plano-sequência registado a partir de um elétrico, produzindo um travelling extremamente lento que nos assombra mediante a dilatação da sua duração e uma exacerbação dos contrastes da imagem. Um trabalho de arqueólogo que ressuscita as sombras de outra época. SERENE VELOCITY é considerada uma das obras mais marcantes do chamado “cinema estrutural” (P. Adams Sitney), garantindo a Gehr um lugar destacado entre a sua geração. Uma obra que subverte um espaço e a sua perceção ao criar um impressionante movimento frontal pela alteração constante de distâncias focais numa lente zoom, enquanto a câmara se fixa num corredor vazio. Em SERENE VELOCITY Gehr transforma assim a geometria de um corredor modernista numa paisagem pulsante.

Como escreveu J. Hoberman, TABLE “é um equivalente em celulóide de uma natureza morta cubista. O tema é uma comum mesa de cozinha, uma desordem caseira de loiças e utensílios. Por 16 minutos, Gehr alterna dois pontos de vista fixos ligeiramente diferentes, acentuando os planos individuais através do uso de filtros azuis ou vermelhos (e às vezes nenhum filtro). Esse procedimento simples transforma a imagem numa confusão hipnótica e gaguejante”. E se Hoberman define ainda TABLE como da ordem da “pura sensação visceral” apresenta SHIFT como mais dramático, sendo que os seus atores são todos mecânicos. SHIFT, na sua espirituosa sobreposição dos elementos urbanos – séries de carros, camiões, uma rua da cidade com três faixas – e de cores, foi já aproximado a Mondrian. Com exceção de EUREKA, todos os filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca.

► Quinta-feira [26] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA 3

SIGNAL – GERMANY ON THE AIR

Estados Unidos, 1985 – 35 minutos / som, sem legendas

MIRAGE

Estados Unidos, 1981 – 10 min / mudo

REAR WINDOW

Estados Unidos, 1991 – 10 min / mudo

SIDE/WALK/SHUTTLE

Estados Unidos, 1991 – 41 min / som, sem legendas

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 96 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

Realizado numa primeira viagem a Berlim, SIGNAL – GERMANY ON THE AIR marca uma mudança significativa na obra de Ernie Gehr. É o filme de um reconhecimento, uma tentativa para perceber a estrutura mental da organização de uma cidade na sua relação com os resquícios do seu passado. Com as suas faixas de cores improváveis resultantes de uma substituição da lente da câmara Bolex por um bocado de plástico encontrado no lixo, MIRAGE já foi descrito como um dos mais belos filmes de Gehr. “O material resultante é certamente a mais desorientante negação da perspectiva renascentista conseguida por um filme desde HISTORY” (J. Hoberman). Como explicou Ernie Gehr em 1993, “as imagens de REAR WINDOW foram filmadas em 1985/86 pela janela traseira do nosso apartamento no Brooklyn. A morte do meu pai e um trabalho anterior, SIGNAL – GERMANY ON THE AIR, ainda estavam na minha

mente quando este filme foi iniciado. Coloquei as minhas mãos em concha na frente da lente da câmara e tentei criar luz, cor e imagem táteis. O trabalho evolui de um jogo entre os ‘elementos’ para provocar uma ‘tempestade’ do nada.” SIDE/WALK/SHUTTLE é um vertiginoso estudo das topografias peculiares de São Francisco, revelando-se como uma pura sinfonia urbana inspirada pelo interesse do cineasta pela paisagem citadina e por reflexões em torno de uma vida em constante movimento, com as recorrentes memórias dos lugares habitados. Registado através de um elevador de vidro de exterior, nas suas subidas e descidas, e explorando as suas possibilidades visuais e gravitacionais, Gehr produziu um objeto desorientante. Todos os filmes são apresentados em cópias em película recém-restauradas. Primeiras apresentações na Cinemateca com exceção de SIGNAL.

► Sexta-feira [27] 19:30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 4
– ESSEX STREET QUARTET

**ESSEX STREET MARKET
NOON TIME ACTIVITIES
WORKERS LEAVING THE FACTORY (AFTER LUMIÈRE)
GREENE STREET**

Estados Unidos, 2004 – 27, 21, 12, 5 min / mudos

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 65 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

ESSEX STREET QUARTET é composto por quatro partes independentes, mas interrelacionadas. O seu material foi registado em 16mm no início dos anos 1960 em Nova Iorque, mas só foi montado depois de ter sido transferido para vídeo em 2004, assinalando-se assim a transição da película para o vídeo no trabalho de Gehr e constituindo o material de origem o “arquivo de imagens” a que recorre o cineasta. ESSEX STREET MARKET, a primeira parte, regista imagens e momentos num mercado no Lower East Side, assim como algumas cenas na rua à volta desse espaço. NOON TIME ACTIVITIES documenta atividades à hora de almoço nos balcões e nas ruas do distrito financeiro em Lower Manhattan. WORKERS LEAVING THE FACTORY (AFTER LUMIÈRE) revela-nos movimentos nos túneis subterrâneos do metro. GREENE STREET, a última parte do quarteto, documenta a “vista de uma janela nas vibrantes cores da película Kodachrome: destacando telhados, cores de ferrugem industrial e a magia do cinema” (Gehr). ESSEX STREET QUARTET afirma-se simultaneamente como uma homenagem ao cinema dos primórdios e como uma celebração de ritmo e de cor.



ESSEX STREET MARKET



STILL

► Sábado [28] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA 5

CONVERSA COM ERNIE GEHR

Conversa antecedida pela projeção do filme STILL (1969-71, 55')

(em inglês, sem tradução simultânea, moderada por Joana Ascensão)

ENTRADA LIVRE,
MEDIANTE LEVANTAMENTO DE INGRESSO NA BILHETEIRA

Uma conversa/conferência em que Ernie Gehr abordará o seu trabalho e respetiva evolução, desde os primeiros trabalhos rodados em película, às curtas-metragens em suporte digital. STILL, filme realizado na transição para a década se setenta, foi a obra escolhida pelo cineasta para introduzir esta conversa. Em STILL Gehr detém-se sobre uma vista de uma rua nova-iorquina, que transforma através de complexas sobreposições para interligar presente e memórias do passado. “Curiosamente, o sublime natural volta ao cinema por associação. A agitação das linhas e as torres de sombras sugerem águas em cascata, montanhas e florestas de pinheiros”, escreveu P. Adams Sitney. Uma descrição que revela bem a profunda coerência da obra do cineasta.

► Segunda-feira [30] 19:30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 6

THE ASTRONOMER'S DREAM

Estados Unidos, 2004 – 15 min / som

AUTO COLLIDER XVIII

Estados Unidos, 2013 – 10 min / som

BROOKLYN SERIES

Estados Unidos, 2013 – 8 min / som

AUTO COLLIDER XX

Estados Unidos, 2014 – 13 min / som

A COMMUTER'S LIFE (WHAT A LIFE!)

Estados Unidos, 2014 – 20 min / som

TRANSPORT

Estados Unidos, 2015 – 22 min / som

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 88 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

Primeira de duas sessões dedicadas ao trabalho digital que Ernie Gehr tem realizado nos últimos anos. THE ASTRONOMER'S DREAM traduz mais uma vez o seu profundo interesse pelos primórdios do cinematógrafo e as suas origens. O nome e imagens, que são manipuladas até à indistinção, são apropriados de dois filmes de Georges Méliès: o título inglês de LA LUNE A UN METRE (1898) e L'ECLIPSE DE SOLEIL EN PLEINE LUNE (1907). Assim o refere Tony Pipolo num capítulo do seu livro em que alude ao sentido de maravilhamento associado a toda a obra de Gehr e a este filme em particular, "realizado em 2004, mas imbuído da história do cinema" (*The Melancholy Lens*). AUTO COLLIDER XVIII e XX fazem parte de uma série extensa, desenvolvida em várias partes. Sobre AUTO COLLIDER XVIII, trabalho de 2011, Mark McElhatten escreveu: "Uma fatia de vida. Uma exploração avançada da coordenação motora. Uma tomada das

ruas numa nova formulação da mecânica ótica em tom mais sombrio e inclinado." Registado em São Francisco em 2005, AUTO COLLIDER XX tira partido da velocidade no seu zoom sobre centros comerciais na era do automóvel. Ernie Gehr descreveu BROOKLYN SERIES como um retrato cinematográfico de Brooklyn, o seu bairro. "Uma tradução de volumes no espaço num vibratório deserto pintado e em linhas vivas. Um novo registo numa escala de Richter." (Mark McElhatten). Inspirado pelas viagens recorrentes de comboio de Gehr entre Nova Iorque e Boston, em que se destacava sempre a mesma paisagem fugidia nos repetitivos trajetos de ida e de volta, que se cruzava com memórias de viagens de infância, A COMMUTER'S LIFE é delirantemente abstrato. Em TRANSPORT, um museu de comboios alemão é colocado em contexto, estabelecendo-se um inevitável diálogo com a História e com o passado familiar do cineasta. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [31] 19:30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA 7

STREET SCENES PANORAMA

Estados Unidos, 2015 – 4 min / mudo

PICTURE TAKING

Estados Unidos, 2010 – 10 min / som

WINTER MORNING

Estados Unidos, 2013 – 16 min / som

SUNDAY IN PARIS

Estados Unidos, 2016 – 17 min / som

BACK IN THE PARK

Estados Unidos, 2019 – 11 min / som

CONSTRUCTION SIGHT

Estados Unidos, 2019 – 36 min / som

de Ernie Gehr

duração total da projeção: 94 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERNIE GEHR

Apresentado aqui enquanto filme, STREET SCENES PANORAMA também já foi exibido sob a forma de instalação. Uma obra que evoca o pré-cinema e os seus "panoramas", em que figuras em silhueta se movem sobre um fundo fixo. PICTURE TAKING assinala o momento em que Ernie Gehr começou a explorar o vídeo de alta definição, aliando a clareza do HD com as possibilidades expressivas do 16x9. Estando o foco na "verticalidade", bem como numa perspectiva aérea de uma paisagem urbana, a nossa perceção de um cruzamento de Manhattan é radicalmente alterada. À semelhança de STREET SCENES PANORAMA, trata-se de um trabalho que o cineasta tem exibido tanto em versão filmica, como enquanto instalação. WINTER MORNING parte de imagens recolhidas numa rua do Brooklyn, que depois são manipuladas e transformadas. Gehr aventura-se num jogo com as cores e a profundidade, sobrepondo camadas de ação

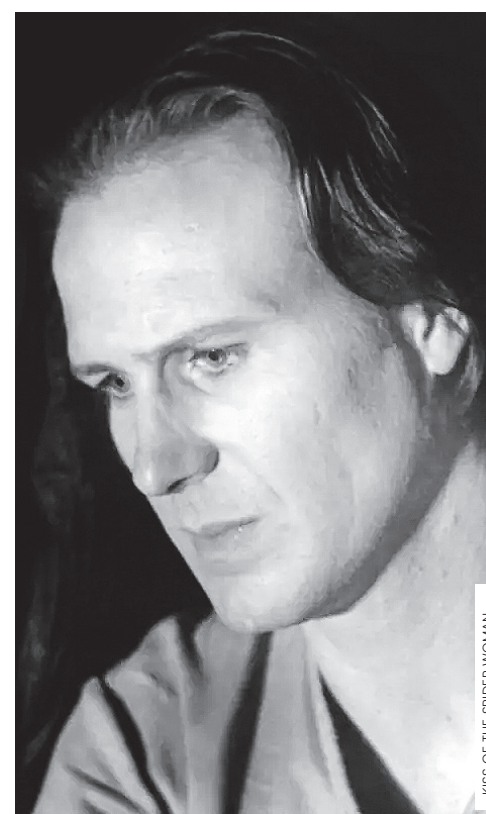
simultânea e produzindo um mundo artificial que não apaga o seu referente original. Em SUNDAY IN PARIS Gehr deixa o seu território habitual e apresenta-nos um singular passeio por algumas das conhecidas ruas de Paris, e em BACK IN THE PARK conduz-nos numa "visita relaxante à hora do almoço a um parque infantil para reflexões cinematográficas." (Gehr) Em CONSTRUCTION SIGHT somos confrontados com uma confusão constante em que os espaços se desmoronam e as pessoas aparecem e desaparecem num movimento delirante, revelando-se um apurado sentido de destreza espacial. São filmes que revelam claramente como a ilusão se insinua no interior dos espaços mais racionais, e em que os estudos observacionais das cidades acabam por assumir qualidades mágicas, revelando ruas e edifícios sujeitos a fenómenos inesperados. Primeiras apresentações na Cinemateca.

IN MEMORIAM WILLIAM HURT

William Hurt (1950-2022) é um dos principais rostos – e corpos – do cinema americano dos idos anos 80. Apesar de as suas personagens se verem algumas vezes envolvidas em situações-limite, que as colocam em risco de vida, não guardamos de Hurt a memória de um rosto muito inquieto ou, ainda menos, de uma presença ameaçad(or)a. Começou por estudar Teologia na Universidade Tufts, mas decide-se pela interpretação ao ingressar na Juilliard School, aperfeiçoando a sua arte em peças de Shakespeare e O'Neill. Hurt ganhou o estatuto de ator sério, assimilando o drama por detrás de uma presença sóbria, elegante e segura/protetora. Há, aliás, um filme onde se explora esta característica que lhe era inata, constituindo parte do seu inquestionável charme, charme esse que ele não se limitou a vestir e que, pelo contrário, sempre procurou "revirar" ou "problematizar" nos papéis que foi escolhendo. Essa obra particularmente desafiante a este nível chama-se BROADCAST NEWS, de James L. Brooks. Nela, é exatamente a "queda da máscara" – que já nesta altura, para nós, espectadores, nos era familiar em Hurt – a produzir o grande *twist* dramático perto do final. Na realidade, já antes Hurt interpretara uma personagem ambígua numa intriga sobre os caminhos ínvios do jornalismo televisivo, coprotagonizado por Sigourney Weaver, intitulada EYEWITNESS, do britânico Peter Yates.

A sobriedade, seriedade e serenidade – três "esses" que caracterizavam, em sentido lato, a sua presença no grande ecrã – são traços que, em diferentes momentos, se afiguraram capitais para a composição de retratos de fina vulnerabilidade escondendo uma força qualquer ou, ao contrário, emanando uma segurança incapaz de camuflar por completo uma certa fragilidade. A personagem (falsamente?) gentil do homossexual aprisionado em KISS OF THE SPIDER WOMAN, que inventa narrativas filmicas como Xerazade imaginava histórias para adiar o seu fatal destino, e que lhe valeu o seu único Oscar, já algo esquecido, serviu também para condimentar o traço delicado e feminino com uma há muito trabalhada pulsão trágica (Shakespeare de novo?).

Com Lawrence Kasdan, que o dirigiu em quatro títulos da sua filmografia, dois deles (os mais definidores) contracenando com Kathleen Turner (BODY HEAT e THE ACCIDENTAL TOURIST), percebemos o alcance, e a subtilidade, desta escrita dramática a partir da presença de Hurt – uma escrita que, no passado, foi apanágio de um certo cinema popular, onde pontificaram figuras de proa como os cineastas James L. Brooks e Lawrence Kasdan, e que sobrevive, em jeito de *post-scriptum*, no filme de culto dos anos 90, SMOKE, de Wayne Wang, com argumento da autoria de Paul Auster. No mundo implacável – e em dissolução moral – da Guerra Fria, Hurt interpretou um oficial à procura de justiça e, apesar de toda a tensão e da temperatura gélida, disponível para amar. Com efeito, nem o *thriller* violento de Michael Apted, GORKY PARK, passado numa Rússia totalmente recriada, "falsa", esfriou a presença de Hurt, nem, aliás, o drama psicológico (e brutal) de David Cronenberg alterou a temperatura à sua *persona*: encarnou, em A HISTORY OF VIOLENCE, um dos vilões, apesar de tudo, mais (falsamente?) calorosos que o cinema americano nos deu a conhecer. Um *bad guy* que, na hora de matar e de morrer, suspira ao invés de vociferar.



KISS OF THE SPIDER WOMAN

- Segunda-feira [09] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quinta-feira [12] 19:30 | Sala Luís de Pina

BODY HEAT

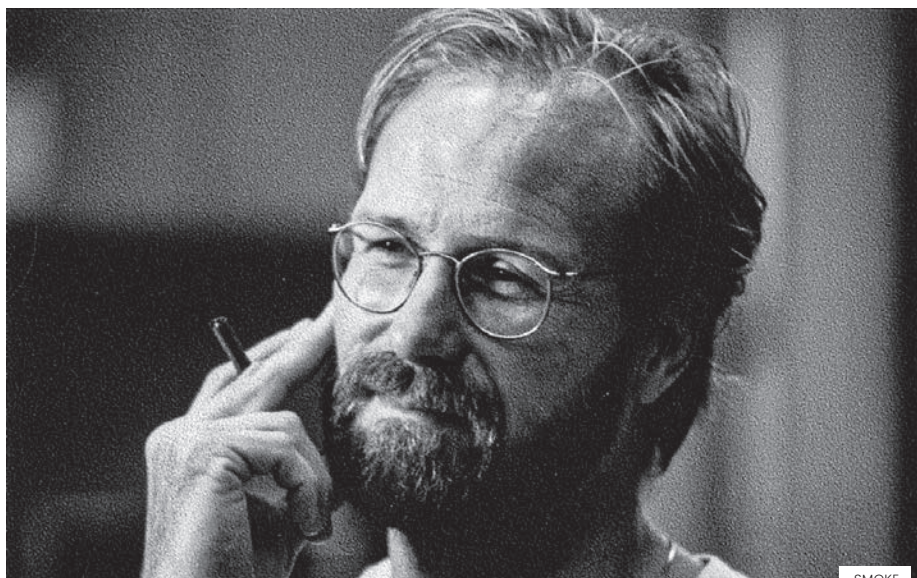
Noites Escaldantes

de Lawrence Kasdan

com William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna, Ted Danson, J.A. Preston, Mickey Rourke

Estados Unidos, 1981 – 113 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Em **BODY HEAT**, Ned (William Hurt), advogado de segunda categoria, envolve-se com Matt Walker (Kathleen Turner, aqui no seu primeiro papel no cinema), mulher de um rico da construção civil, convenientemente ausente. Entre escaldantes noites de sexo, Ned e Matt planeiam matar o marido traído e ficar com a fortuna. Kasdan, neste filme-estreia, recupera os tons e atmosferas do género “noir” dos anos quarenta numa narrativa envolvente. A exhibir em cópia digital.



SMOKE

- Segunda-feira [09] 19:30 | Sala Luís de Pina

THE ACCIDENTAL TOURIST

O Turista Acidental

de Lawrence Kasdan

com William Hurt, Kathleen Turner, Geena Davis

Estados Unidos, 1988 – 121 min / legendado em português | M/12

Adaptado de um romance de Anne Tyler, **THE ACCIDENTAL TOURIST** reúne três grandes estrelas, William Hurt, Kathleen Turner e Geena Davis, na história de um homem traumatizado pela morte trágica do filho. Autor de guias turísticos, vai encontrar numa viagem uma mulher que o liberta da crise, com a ajuda de um cão... que tem um papel especial.

- Terça-feira [10] 19:30 | Sala Luís de Pina

BROADCAST NEWS

Edição Especial

de James L. Brooks

com William Hurt, Albert Brooks, Holly Hunter

Estados Unidos, 1987 – 133 min / legendado em português | M/12

Reflexão poderosa sobre a relação entre informação e entretenimento no coração de um canal de notícias, este drama de James L. Brooks, realizado na sequência do multioscarizado **TEARMS OF ENDEARMENT**, tira máximo partido das interpretações fulgurantes do seu trio de atores: a “nova aquisição”, o jornalista promissor interpretado por William Hurt (um dos seus grandes papéis), e o comediante Albert Brooks, desta feita em modo dramático assaz sóbrio, disputam as boas graças da produtora carismática e confiante encarnada por Holly Hunter. Um momento de revelação impressionante reeditará, à maneira de Lev Kulechov, uma importante lição quanto ao valor da ética jornalística.

- Quarta-feira [11] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

A HISTORY OF VIOLENCE

Uma História de Violência

de David Cronenberg

com Viggo Mortensen, Ed Harris, Maria Bello, William Hurt

Estados Unidos, 2005 – 96 min / legendado em português | M/16

Reflexão sobre o estado de tensão em que vive o mundo contemporâneo (e particularmente a América), **A HISTORY OF VIOLENCE** conta o que acontece a um homem, encarnado por Viggo Mortensen, e à sua família, incluindo a mulher, interpretada por Maria Bello, depois de um heróico ato de autodefesa fazer recair sobre o bom pai de família quer a atenção dos media quer as de um misterioso gang. Haverá alguma coisa escondida no passado dele, alguma “história de violência”? A resposta à pergunta conduzirá a ação para um *stand-off* intenso desenrolado entre Mortensen e o cabecilha do dito gang, o seu irmão, interpretado por William Hurt.

- Quarta-feira [11] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

KISS OF THE SPIDER WOMAN

O Beijo da Mulher Aranha

de Hector Babenco

com William Hurt, Raul Julia, Sónia Braga, José Lewgoy, Milton Gonçalves

Estados Unidos, Brasil, 1985 – 120 min / legendado em português | M/16

Nesta adaptação do romance homónimo de Manuel Puig, Luis Molina (William Hurt, numa interpretação que lhe valeu o único Oscar da carreira e uma distinção no Festival de Cannes) e Valentin Arregui (Raul Julia) são companheiros de cela numa prisão sul-americana. Valentin é um preso político, enquanto Luis é um homossexual, preso por comportamento imoral e ali colocado para espiar o companheiro. Do realizador de **PIXOTE – A LEI DO MAIS FRACO**, **KISS OF THE SPIDER WOMAN** tem a mais-valia de um elenco sonante e o facto de a narrativa incluir um “filme no filme” (uma produção da Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial).

- Quinta-feira [19] 19:30 | Sala Luís de Pina

EYEWITNESS

Os Olhos da Testemunha

de Peter Yates

com William Hurt, Sigourney Weaver, Christopher Plummer, James Woods, Morgan Freeman

Estados Unidos, 1981 – 103 min / legendado em português | M/12

O argumentista, natural da Jugoslávia, Steve Tesich associou-se ao cineasta inglês Peter Yates (**BULLIT**), equipa embalada pelo sucesso popular e crítico de **BREAKING AWAY**, para contarem a história de um porteiro (William Hurt, no seu papel favorito) de um prédio em Manhattan e tem uma fixação por uma jornalista de televisão. Encontram-se por acaso um dia em que ela vai fazer uma reportagem sobre um crime no prédio onde ele trabalha. Ele apresenta-se dando-lhe a entender que sabia o que na realidade não sabia. O problema para ambos é que os verdadeiros assassinos acreditam que eles sabem.

- Sexta-feira [20] 19:30 | Sala Luís de Pina

SMOKE

Smoke – Fumo

de Wayne Wang

com Harvey Keitel, William Hurt, Giancarlo Esposito, José Zúñiga

Alemanha, Estados Unidos, 1995 – 110 min / legendado em português | M/12

Incorporando elementos da *New York Trilogy*, de Paul Auster, o filme de Wayne Wang entrelaça uma série de histórias e personagens simultâneas. Diversos habitantes de Brooklyn passam por uma tabacaria do bairro, cujo dono (Harvey Keitel) é uma espécie de filósofo: um escritor, um adolescente e o pai do rapaz, que não vê há vários anos. Notáveis interpretações, destacando-se a de William Hurt na pele do dito escritor, homem desalentado e falido que é um cliente habitual daquela tabacaria.

- Segunda-feira [23] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

GORKY PARK

O Mistério de Gorky Park

de Michael Apted

com William Hurt, Lee Marvin, Joanna Pacula, Brian Dennehy

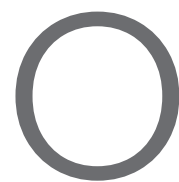
Estados Unidos, 1983 – 128 min / legendado em português | M/12

Um polícia russo interpretado por William Hurt investiga um triplo homicídio ocorrido num parque de diversões em Moscovo. Quanto mais se embrenha na sua investigação, mais complexa vai ficando a intriga, envolvendo o KGB e os interesses de um homem de negócios tão temível quanto poderoso, um americano interpretado por Lee Marvin, no final da sua carreira. Realizado por Michael Apted numa Moscovo recriada em Helsínquia, por, alegadamente, o governo do Kremlin ter recusado a entrada em território russo da equipa de rodagem chefiada pelo produtor Howard Koch (**THE MANCHURIAN CANDIDATE**), já que a história retratava um esquema de corrupção no coração do KGB. Primeira apresentação na Cinemateca.



THE ACCIDENTAL TOURIST

DOUBLE BILL



Ciclo de “double bills” do mês de maio integra três sessões dedicadas às relações entre o cinema de culto com a cultura musical *underground* da segunda metade do século XX, com filmes extremamente estilizados mas singulares que, quer nos seus temas como nas suas lógicas de produção, transgrediam as convenções artística e sociais na sua época. A primeira sessão une visões sobre a questão da música enquanto vetor de alienação cultural. SMITHEREENS, um dos mais icónicos filmes *no wave*, explora o desejo ilusório de uma rapariga

pela fama no seio da cultura *punk* de Nova Iorque, enquanto PRIVILEGE se centra numa estrela *pop* inglesa que se vê manipulada pelo governo com o intuito político de promover a religião e o nacionalismo no país. LE TRÉSOR DES ÎLES CHIENNES e LIQUID SKY fazem do seu cinema um exercício de estilo, entre a ficção científica e as expressões ora da contracultura, ora do movimento *New Wave*, criando registos cinematográficos tão dissonantes como excêntricos. A última dupla sessão une duas obras assombradas pelo universo do *cyberpunk* e da música industrial, a magia sonora de DECODER, que se revê nas investigações tecnológicas e ocultistas de Burroughs e Genesis P. Orridge para pensar a música como médium sensível de rebelião, e a revolução do corpo de TETSUO, um *body horror* experimental e frenético. Ideias que instauram anarquias várias no mundo da tecnologia, das máquinas e do aço.



LE TRÉSOR DES ÎLES CHIENNES

► Sábado [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SMITHEREENS

Estilhaços

de Susan Seidelman

com Susan Berman, Brad Rinn, Richard Hell

Estados Unidos, 1982 - 92 min

PRIVILEGE

de Peter Watkins

com Paul Jones, Jean Shrimpton, Mark London

Reino Unido, 1967 - 103 min

duração total da projeção: 195 min

legendados eletronicamente em português | M/16

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

Seidelman pertence ao primeiro grupo de cineastas independentes americanas dos anos oitenta. Esta sua longa de estreia foi o primeiro filme “indie” selecionado para a competição oficial de Cannes, em 1982. SMITHEREENS acompanha uma jovem narcisista que deixa Nova Jérquia para se juntar à subcultura *punk* nova-iorquina. Tem como ator Richard Hell, um dos grandes nomes do *punk* e do *No Wave*, e a música é dos The Feelies. Os elementos alienadores da cultura *pop*, maioritariamente virada para a juventude, que explodiu nos anos sessenta e com especial incidência em Inglaterra, formam o núcleo temático de PRIVILEGE, história de uma vedeta da música *pop* manipulada, com intuídos políticos, pelo governo. A ficção e a parábola são assumidas neste primeiro filme de Watkins depois de abandonar a BBC (instituído com o tratamento dado pela estação a THE WAR GAME), mas o estilo é ainda o da falsa reportagem, mergulhando no “realismo” convencional dos processos do documentário ou da televisão para um retrato politicamente paranoico da agitação cultural da década de sessenta. Foi também a primeira vez que filmou a cores. PRIVILEGE é exibido em cópia digital.

► Sábado [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE TRÉSOR DES ÎLES CHIENNES

de F. J. Ossang

com Stéphane Ferrara, Serge Avédikian, Diogo Dória, José Wallenstein

França, Portugal, 1990 - 112 min

LIQUID SKY

de Slava Tsukerman

com Anne Carlisle, Paula E. Sheppard, Susan Doukas

Estados Unidos, 1982 - 112 min

duração total da projeção: 224 min

legendados eletronicamente em português | M/16

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

É inegável que F. J. Ossang vive um mundo cinematográfico único, em que mistura aspetos das subculturas *underground* e do *punk* com uma sensibilidade do cinema de autor. Esta ficção científica, a preto e branco e em scope, foi filmada em Portugal continental e nos Açores, devido à atração do realizador “pelos solos de hidratos de carbono, pelas regiões com forte atividade sísmica”. A trama narrativa evoca a de muitos filmes do período clássico, com uma expedição que parte em busca de um cientista que fez uma importante descoberta e desapareceu. A realização, evidentemente, nada tem de clássica e o filme foi considerado “uma bomba, que estilhaça os pontos de referência, os horizontes geográficos e ficcionais, do cinema francês”, na opinião de Frédéric Strauss, nos Cahiers du Cinéma. LIQUID SKY é a primeira aventura pelo cinema de Slava Tsukerman, após ter saído da União Soviética para se instalar em Nova Iorque. É uma ficção científica *no wave* e um pensamento sobre o mundo das drogas e do sexo no meio *underground* nova-iorquino, duplamente protagonizada por Anne Carlisle, que interpreta duas personagens de género diferentes, que se veem dominados por extraterrestres que matam os seus companheiros no clímax das relações sexuais. Um iminente filme de culto, que se notabiliza também pela idiosincrasia da sua banda sonora, concebida por Tsukerman em colaboração com Brenda Hutchinson e Clive Smith, que inclui versões sintetizadas de música clássica, e por todo excesso visual influenciado pelo movimento *New Wave*, que marcou a geração dos anos 1970 e 1980. LIQUID SKY é uma primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DECODER

de Muscha

com FM Einheit, William Rice, Christiane F., Genesis P. Orridge, William S. Burroughs

Alemanha, 1984 - 87 min

TETSUO

Tetsuo: O Homem de Ferro

com Tomorô Taguchi, Kei Fujiwara, Nobu Kanaoka de Shinya Tsukamoto

Japão, 1989 - 67 min

duração total da projeção: 154 min

legendados eletronicamente em português | M/16

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

Uma pérola *cyberpunk* relativamente esquecida da cultura, DECODER constrói-se num incomum encontro, entre William S. Burroughs (que tem neste filme um breve papel), e o ensaio *The Electronic Revolution*, e um surpreendente conjunto de músicos pertencentes ao universo da música industrial que desde os finais da década de 70 se firmava em Inglaterra e na Alemanha, entre os quais FM Einheit e Genesis P. Orridge. Filme tão político quanto esotérico, foca-se nas experiências sónicas de FM, um músico frustrado que descobre como incitar a população à rebelião contra o governo através da música industrial. A banda sonora é composta por membros de bandas tão conhecidas como Einstürzende Neubauten, Psychic TV, Soft Cell e The The. A imagética industrial é também explorada por TETSUO, filme sórdido que leva o *body horror* ao surrealismo e ao cinema experimental. Feito praticamente na sua totalidade por Tsukamoto, ele aborda uma contaminação motivada por um acidente de carro e por um bizarro fetichismo relativo a objetos metálicos industriais, provocando num empresário uma inóspita fusão industrial. Frequentemente comparado a Cronenberg, TETSUO avança como um pesadelo tecnológico num ritmo frenético, traçando uma poderosa representação, metafórica e transgressora, da tecnocracia moderna. Primeiras apresentações na Cinemateca. A exibir em cópias digitais.



SMITHEREENS



TETSUO



LIQUID SKY

A CINEMATECA COM O FIMFA

A Cinemateca junta-se, de novo, ao FIMFA LX – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas, que decorre em vários locais em Lisboa durante o mês de maio (programação disponível em www.tarumba.pt). Este ano a colaboração tem uma sessão na Rua Barata Salgueiro – LA DOUBLE VIE DE VÉRONIQUE de Krzysztof Kieslowski – e outra no Salão Foz com o filme THE MUPPETS (2011), integrada na programação da Cinemateca Júnior.

▶ Segunda-feira [16] 19:30 | Sala Luís de Pina

LA DOUBLE VIE DE VÉRONIQUE

A Dupla Vida de Véronique

de Krzysztof Kieslowski

com Irène Jacob, Wladislaw Kowalski, Guillaume de Tonquedec

França, Polónia, Noruega, 1991 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

LA DOUBLE VIE DE VÉRONIQUE foi o filme que, depois da revelação de DEKALOG, mais fez pelo reconhecimento de Kieslowski a nível internacional. Como o título indica, está construído sob o signo do duplo: duas heroínas, duas nacionalidades, dois modos de vida. Duas jovens, uma polaca e outra francesa, nascidas no mesmo dia, são como que a “projeção” uma da outra, e o trágico destino de uma irá refletir-se na sua dupla.

A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS

A Cinemateca volta a associar-se aos Encontros Cinematográficos, organizados no Fundão e este ano na sua décima segunda edição. A iniciativa junta a projeção de filmes à discussão sobre as obras projetadas e decorre no Fundão em maio. A Cinemateca acolhe em Lisboa duas das sessões dos Encontros deste ano e com a presença dos respetivos realizadores.

▶ Terça-feira [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSION & POETRY: THE BALLAD OF SAM PECKINPAH

de Mike Siegel

Estados Unidos, 2005 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE MIKE SIEGEL

PASSION & POETRY: THE BALLAD OF SAM PECKINPAH imerge-nos na vida e na obra de um cineasta tão célebre quanto polémico, cuja brutalidade imagética transformou o cinema, bem como os códigos que limitavam a representação da violência no cinema americano. O documentário recorre a atores, amigos e família que relembra a época de 1960 a 1970 através das histórias de aventuras e desventuras do cineasta, e às próprias palavras de Sam Peckinpah sobre a arte de fazer cinema, a sua visão sobre violência e os seus conflitos com a indústria de Hollywood, oferecendo uma

perspetiva revisionista sobre um homem, que, segundo Mike Siegel, “enfrentou os seus demónios e viveu o seu próprio mito como nenhum outro realizador”.

▶ Quarta-feira [18] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PAZ

de Marta Ramos, José Oliveira

com Fernando Castro, António Alves Fernandes, Nelson Gonçalves

Portugal, 2021 – 25 min

THREE COMRADES

Três Camaradas

de Frank Borzage

com Margaret Sullavan, Robert Taylor, Franchot Tone, Robert Young, Guy Kibbee

Estados Unidos, 1938 – 98 min / legendado em português

duração total da projeção: 123 min | M/12

COM AS PRESENÇAS DE MARTA RAMOS E JOSÉ OLIVEIRA

Em PAZ, Marta Ramos e José Oliveira retomam um tema recorrente nas suas colaborações, o das memórias e dos sentimentos da guerra colonial portuguesa através dos portugueses que a experienciaram. O documentário acompanha a reunião de um grupo de veteranos, já presentes na sua última longa-metragem GUERRA, capturando, através de canções e lembranças, uma amizade fundada num passado atormentado. THREE COMRADES é um dos mas luminosos melodramas de Frank Borzage, coescrito por Scott Fitzgerald, com base num romance de Erich Maria Remarque, ambientado na Alemanha pré-nazi. Três jovens soldados, amigos de longa data, partilham o amor pela mesma mulher, que está a morrer de tuberculose e que com a sua força os ajuda a transcender o drama. Interpretações fulgurantes, e uma Margaret Sullavan mais radiosa do que nunca.

NO 20º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR

Em colaboração com a Fundação Oriente

Comemora-se em 2022 o 20º aniversário da independência de Timor Leste. A Fundação Oriente assinala esta efeméride com várias iniciativas a decorrer no Museu do Oriente, entre as quais um ciclo de filmes programado pela investigadora Maria do Carmo Piçarra intitulado Timor-Amor – Os Filmes. A Cinemateca associa-se a esta iniciativa e acolhe duas sessões do programa nas suas salas.

▶ Quinta-feira [26] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

TIMOR NO ARQUIVO DOCUMENTAL DA CINEMATECA RESSURGIMENTO DA AGRICULTURA EM TIMOR

de Tony Berwald

Portugal, 1950 – 21 min

A VIAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DO ULTRAMAR AO ORIENTE 2 – TIMOR

de Ricardo Malheiro

Portugal, 1953 – 24 min

TIMOR PORTUGUÊS

de Miguel Spiguel

Portugal, 1960 – 13 min

TIMOR – PRESENÇA PORTUGUESA NA OCEÂNIA

de Ribeiro Soares

Portugal, 1964 – 28 min

TIMOR – APONTAMENTOS TURÍSTICOS

de Miguel Spiguel

Portugal, 1971 – 10 min

duração total da projeção – 96 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MARIA DO CARMO PIÇARRA

Esta sessão reúne cinco curtas-metragens reveladoras da relação colonial entre Portugal e Timor, fazendo parte de uma assinalável produção cinematográfica de propaganda que, surgida após a Segunda Guerra Mundial, traduz as intenções do Estado Novo de promover o colonialismo português, por parte do Estado Novo. Dada a pobreza e a distância do país, conta com um escasso número de filmes, sobretudo filmados no âmbito de visitas políticas ou militares, captando o “patriotismo lusitano dos indígenas” e documentando a presença e a influência quer das figuras políticas como das missões enquanto fonte de instrução. Capturam também, com um olhar turístico, a vida e as cidades, os monumentos, as paisagens e as atividades agrícolas, centradas maioritariamente na produção de cacau, café e borracha, bem como o dia-a-dia, e as festas que compõem a realidade de Timor.

▶ Sexta-feira [27] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROSAS DE ERMERA

de Luís Filipe Rocha

com Maria das Dores Afonso dos Santos, João Afonso dos Santos

Portugal, 2017 – 125 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUÍS FILIPE ROCHA

ROSAS DE ERMERA espraia-se pelas memórias de Maria e João Afonso dos Santos, irmãos de Zeca Afonso, para contar uma história familiar dramática. Separados em 1939, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, João e José vão para Coimbra estudar, enquanto Maria viaja com os pais para Timor testemunhando a invasão japonesa do país e a vida nos campos de concentração onde estiveram presos com outros portugueses. Luís Filipe Rocha reúne-se com João e leva Maria a Timor onde percorrem espaços e experiências outrora vividos e sofridos, recuperando um episódio esquecido nas relações entre Portugal e Timor Leste. Primeira apresentação na Cinemateca.

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39) | Horário: de segunda-feira a sábado, das 13h30 às 21h30 | (Salão Foz – Praça dos Restauradores) | de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 17h00
Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt **Modos de pagamento disponíveis:** Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00€ (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€
A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais> | **Pontos de venda aderentes** (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

O QUE QUERO VER

De entre as múltiplas sugestões dos espetadores da Cinemateca para esta rubrica, a nossa escolha recaiu sobre GELOSIA, melodrama de Pietro Germi.

► Segunda-feira [23] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

GELOSIA

Ciúmes

de Pietro Germi

com Marisa Belli, Erno Crisa,

Alessandro Fersen, Liliana Gerace

Itália, 1953 – 84 min / legendado em português | M/12

Baseado no romance de Luigi Capuana *Il Marchese di Roccaverdina*, de Luigi Capuana, GELOSIA segue uma melodramática história de amor, homicídio passional e remorsos passada na Sicília muito filmada pelo realizador, Pietro Germi (1914-1974). “«O grande lenhador do cinema italiano», nas palavras algo ambíguas de Fellini, que teria enorme êxito no início dos anos 60 com DIVORZIO ALL’ITALIANA e SEDOTTA E ABANDONATA, faz parte daqueles cineastas que se situam entre o artesão competente e o autor. Dentro de um género específico, Germi é capaz de bons resultados (...) GELOSIA é um objeto cinematográfico injustamente esquecido, que ilustra um género no qual o cinema italiano foi particularmente rico: o melodrama” (Antonio Rodrigues). O filme só uma vez foi exibido na Cinemateca (em 2014).

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)

► Terça-feira [24] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BELLS OF ST. MARY’S

Os Sinos de Santa Maria

de Leo McCarey

com Bing Crosby, Ingrid Bergman, Henry Travers,

William Gargan, Ruth Donnelly

Estados Unidos, 1945 – 126 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Bing Crosby regressa no papel do padre O’Malley, com que ganhara o Oscar em GOING MY WAY. O’Malley é agora colocado numa nova paróquia, num convento que tem como madre-superiora Ingrid Bergman, com uma relação de tão ambígua rivalidade que muitos adolescentes da época desejaram que o filme acabasse com o casamento dos dois. Um dos grandes sucessos comerciais do seu tempo. Oscar para o som atribuído a Stephen Dunn. Uma “line” célebre: a despedida final de Bing Crosby a Ingrid Bergman: “If you ever need me dial 0 for O’Malley”. O filme não é exibido na Cinemateca desde 2008. A exibir em cópia digital.



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA



MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO FÍSICO



OPTE POR PAGAMENTOS ELETRÓNICOS

02 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

BAD GIRLS GO TO HELL

Doris Wishman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DEADLY WEAPONS

Doris Wishman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

PROGRAMA LIGHT CONE 1 – PROGRESSIVO CONFORTO vários Realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DOUBLE AGENT 73

Doris Wishman

03 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

RECONSTRUÇÃO

Francisco Noronha

THE TIMEKEEPERS OF ETERNITY

Aristotelis Maragkos

18H00 | ESPLANADA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA



GIRLS BEWARE! O CINEMA DE DORIS WISHMAN: CONVERSA COM PEGGY AWESH E LISA PETRUCCI

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

PROGRAMA LIGHT CONE 2 – NETSPLIOTATION

Vários Realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

THE IMMORAL THREE

Doris Wishman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

INDECENT DESIRES

Doris Wishman

04 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

PRISME

An Van Dienderen, Rosine Mfetgo Mbakam,

Eléonore Yaméogo

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

PROGRAMA LIGHT CONE 3 – EROTISMO E SUGESTÃO vários Realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

KEYHOLES ARE FOR PEEPING

Doris Wishman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

LET ME DIE A WOMAN

Doris Wishman

05 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

STRANGER THAN ROTTERDAM WITH SARAH DRIVER

Lewie Kloster, Noah Kloster

TERRA FEMME

Courtney Stephens

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

PROGRAMA LIGHT CONE 4 – INTIMIDADES

vários Realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

ANOTHER DAY, ANOTHER MAN

Doris Wishman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DIARY OF A NUDIST

Doris Wishman

06 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DEADLY WEAPONS

Doris Wishman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

THE IMMORAL THREE

Doris Wishman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

ET J’AIME À LA FUREUR

André Bonzel

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

NUDE ON THE MOON

Doris Wishman, Raymond Phelan

07 SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA

SILÊNCIO! ESTAMOS A GRAVAR!

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

BADKONAKE SEFID

“O Balão Branco”

Jafar Panahi

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

KEYHOLES ARE FOR PEEPING

Doris Wishman

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

STRANGER THAN ROTTERDAM WITH SARAH DRIVER

Lewie Kloster, Noah Kloster

TERRA FEMME

Courtney Stephens

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

LET ME DIE A WOMAN

Doris Wishman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O INDIELISBOA

DOUBLE AGENT 73

Doris Wishman

09 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

BODY HEAT

Lawrence Kasdan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

DESIGN FOR LIVING

Ernst Lubitsch

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

THE ACCIDENTAL TOURIST

Lawrence Kasdan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ADIEU PHILIPPINE

Jacques Rozier

10 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

LE RAYON VERT

Éric Rohmer

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

AGOSTO

Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

BROADCAST NEWS

James L. Brooks

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA



SOLO

Jean-Pierre Mocky

11 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

BATTLE CRY

Raoul Walsh

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

A HISTORY OF VIOLENCE

David Cronenberg

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?

Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

KISS OF THE SPIDER WOMAN

Hector Babenco

12 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ABISMOS DE PASION

Luis Buñuel

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

BODY HEAT

Lawrence Kasdan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS

“A Execução de Ernst S., Traidor à Pátria”

Richard Dindo

13 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

LA BAIE DES ANGES

Jacques Demy

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER

JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES

Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

BATTLE CRY

Raoul Walsh

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA

Jorge Silva Melo

14 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

THE NIGHT OF THE HUNTER

“A Sombra do Caçador”

Charles Laughton

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

SMITHEREENS

Susan Seidelman

PRIVILEGE

Peter Watkins

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

IL SOSPETTO
Francesco Maselli

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

NINGUÉM DUAS VEZES
Jorge Silva Melo**16 SEGUNDA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

PASTORALI
Otar Iosseliani

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

O FILME DA MINHA VIDA: JORGE SILVA MELO (RTP)
COITADO DO JORGE
Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O FIMFA

LA DOUBLE VIE DE VÉRONIQUE
Krzysztof Kieslowski

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ODD MAN OUT
Carol Reed**17 TERÇA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ADIEU PHILIPPINE
Jacques Rozier

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS DO FUNDÃO

PASSION & POETRY: THE BALLAD OF SAM PECKINPAH
Mike Siegel

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

MAN OF THE WEST
Anthony Mann**18 QUARTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

THE PATSY
Jerry Lewis

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS DO FUNDÃO

PAZ
Marta Ramos, José Oliveira
THREE COMRADES
Frank Borzage

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS: POR TERRAS
DEVASTADAS
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS
NIKIAS SKAPINAKIS (CONTINUANDO)
Jorge Silva Melo**19 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ODD MAN OUT
Carol Reed

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA
Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

EYEWITNESS
Peter Yates

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ATENÇÃO AO HORÁRIO
WANDA
Barbara Ioden**20 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

MAN OF THE WEST
Anthony Mann

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR
Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

SMOKE
Wayne Wang

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

PASTORALI
Otar Iosseliani**21 SÁBADO**

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

THE CAMERAMAN
“O Homem da Manivela”
Buster Keaton
Edward Sedgwick

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

LE TRÈSOR DES ÎLES CHIENNES
F. J. Ossang
LIQUID SKY
Slava Tsukerman

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

ATENÇÃO AO HORÁRIO**ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA**
ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

LA BAIE DES ANGES
Jacques Demy**23 SEGUNDA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM WILLIAM HURT

GORKY PARK
Michael Apted

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER

GELOSIA
Pietro Germi

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A MINHA HISTÓRIA DO TEATRO
Artistas Unidos, Universidade Aberta

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

THE PATSY
Jerry Lewis**24 TERÇA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

THE BELLS OF ST. MARY’S
Leo McCarey

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 1
Ernie Gehr

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ
FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

NAMAY-E NAZDIK
Close up
Abbas Kiarostami
COMENTÁRIO SOBRE O FILME POR JORGE SILVA MELO
(Midas Filmes)**25 QUARTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

IL SOSPETTO
Francesco Maselli

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 2
Ernie Gehr

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES
Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

ABISMOS DE PASIÓN
Luis Buñuel**26 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN
Vincente Minnelli

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 3
Ernie Gehr

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

A FELICIDADE
CONVERSAS COM GLICÍNIA
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NO 20º ANIVERSÁRIO DA

INDEPENDÊNCIA DE TIMOR

TIMOR NO ARQUIVO DOCUMENTAL DA CINEMATECA
vários realizadores**27 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

CRONACA FAMILIARE
Valerio Zurlini

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

VANITAS OU O OUTRO MUNDO
Paulo Rocha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 4
Ernie Gehr

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NO 20º ANIVERSÁRIO DA

INDEPENDÊNCIA DE TIMOR

ROSAS DE ERMERA
Luís Filipe Rocha**28 SÁBADO**

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR

OFICINA
ESTRELAS EM CARTAZ

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

THE MUPPETS
“Os Marretas”
James Bobin

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

DECODER
Muscha
TETSUO
Shinya Tsukamoto

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 5
Conversa com Ernie Gehr

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

ATENÇÃO AO HORÁRIO**JOGADORES DE PAU MIRÓ**
O TEMPO DE LLUÏSA CUNILLÉ
Jorge Silva Melo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

DÉTECTIVE
Jean-Luc Godard**30 SEGUNDA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

NEMA-YE NAZDIK
Close up
Abbas Kiarostami
COMENTÁRIO SOBRE O FILME POR JORGE SILVA MELO
(Midas Filmes)

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É RETRATO?
Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 6
Ernie Gehr

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

CRONACA FAMILIARE
Valerio Zurlini**31 TERÇA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

AGOSTO
Jorge Silva Melo

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO

AINDA NÃO ACABÁAMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA
Jorge Silva Melo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | OS FILMES DE ERNIE GEHR

PROGRAMA 7
Ernie Gehr

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JSM: CARTA BRANCA SEM RECEITA

RIO BRAVO
Howard Hawks**PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES**

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 13:00 - 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

CINEMATECA JÚNIOR | SALÃO FOZ, RESTAURADORES

Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 11h00 - 17h00

Venda online em cinemateca.bol.pt

Adultos - 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Transportes: Metro: Restauradores | Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759

Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa